

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº 80 27 de Junho de 2002 Quinzenal

Director: Sérgio Alves

www.aac.uc.pt/cabra

Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita



Direito por linhas tortas



Ano após ano, as queixas acumulam-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra: as deficiências pedagógicas, o elitismo e o peso institucional parecem acabar por pesar na média final de muitos alunos. A CABRA percorreu os claustros de Direito em busca de respostas.

Páginas 2 e 3

A magia do planeta futebol



D.R.

O futebol, desporto-rei, de massas, paixões, beleza incomensurável... e de frustração, obsessão, dor e mágoa.

No café, em casa, no trabalho, o efeito do maior espectáculo desportivo transforma pessoas, altera rotinas, cria submundos paralelos. A CABRA pôs-se de joelhos, cheirou a relva, contou as costuras da bola e analisa este desporto único, de todos os prismas possíveis.

Páginas centrais

Universidade
Administrador dos
SASUC em entrevista

A CABRA foi visitar António Luzio Vaz, o senhor da acção social da Universidade de Coimbra, ao seu gabinete e conversou sobre bolsas, residências, entre outros assuntos de acção social no ensino superior.

Páginas 4 e 5

Nacional
Anti-globalização

Após os últimos incidentes diplomáticos entre Portugal e Espanha relacionados com o movimento anti-globalização português e a manifestação em Sevilha, a pergunta que fica é quem são e o que fazem os defensores portugueses de uma globalização alternativa.

Página 8

Internacional
Conflito Índia-Paquistão

O pequeno território de Jamu e Caxemira tem andado nas bocas do mundo, devido à sua disputa, que opõe as potências nucleares Índia e Paquistão. Sem belicidades à mistura, A CABRA apresenta a história e outros factos a saber deste tão actual conflito.

Página 9

Ciência
Cometas em análise

Uma missão conjunta da NASA e da ESA pretende descodificar o segredo que envolve a origem dos cometas. A resposta ao mistério da origem da vida no nosso planeta poderá estar escondida no núcleo destes corpos celestes.

Página 12

Cultura
Música na cidade

Coimbra, Capital Nacional da Cultura em 2003, acolhe o X Festival Internacional de Música. Músicos conceituados de toda a Europa reúnem-se na Lusa Atenas, envolta em claves de sol e melodias diversas.

Página 14

Bem preparados, com reputado estatuto, mas baixas notas, são assim os estudantes de Direito da Universidade de Coimbra

Prestígio versus notas: quid juris?

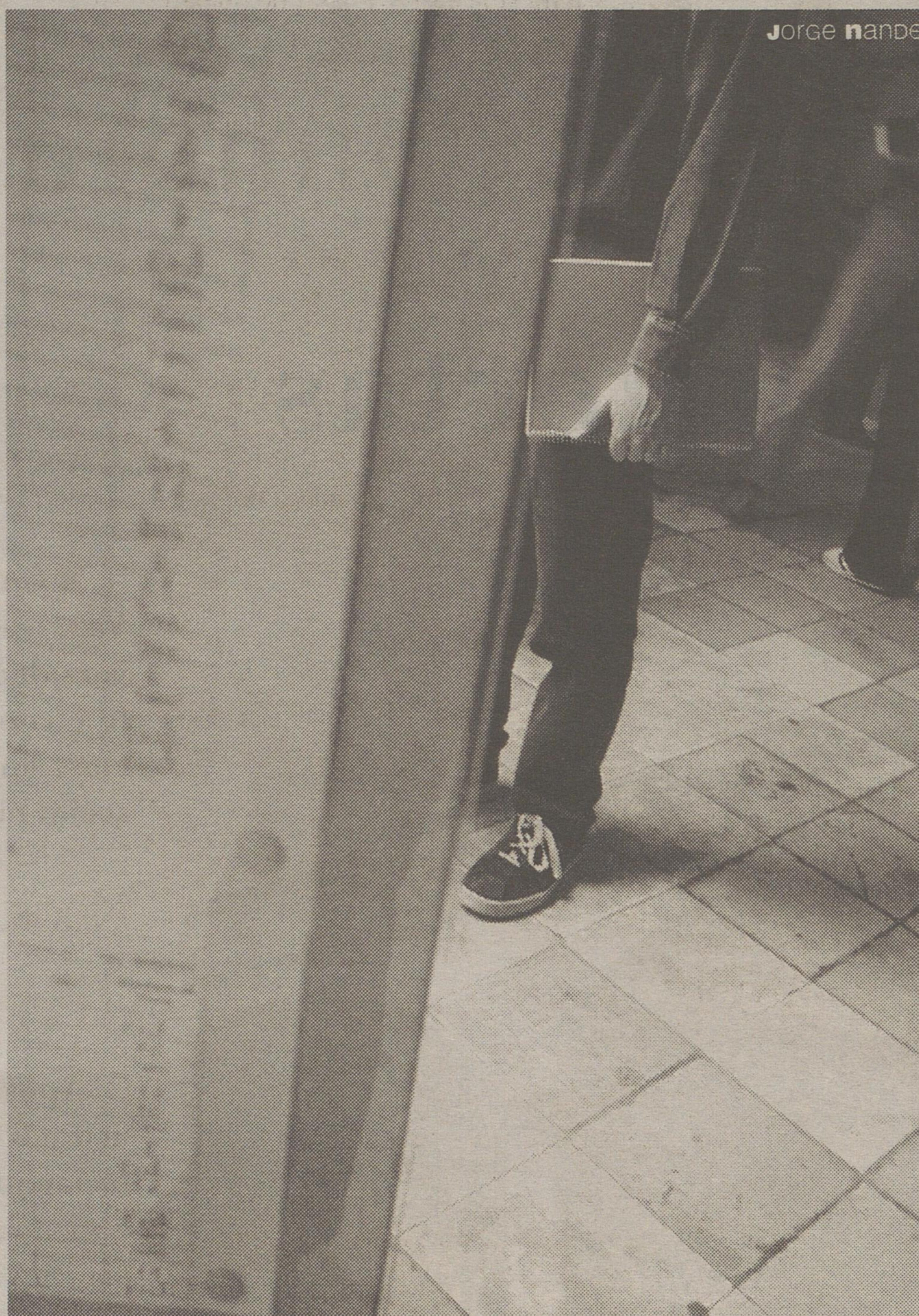
As notas baixas são um dos ex-libris da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC). A CABRA procurou saber as causas destes e outros problemas ou “características” do ensino na FDUC.

João Cortesão
Mário Guerreiro

Salas sobrelotadas e docentes pouco qualificados aliam-se ao “peso da tradição” para dificultar a vida aos alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra que lutam diariamente para conseguir uma nota que lhes permita obter um lugar no mundo de trabalho. Os problemas das notas baixas não são exclusivos da FDUC, existindo também queixas dos alunos de cursos de via de ensino da Faculdade de Letras (FLUC), que partem em desvantagem quando chega a hora de concorrer por um lugar de trabalho, num mercado já de si difícil.

Sobre a questão das notas baixas na FDUC, Manuel Lopes Porto, Presidente do Conselho Directivo da FDUC (CDFDUC) e docente desdramatiza: “notas baixas em Direito não existem só em Coimbra, mas também nas outras universidades do país”. Podem existir “casos pontuais” em que realmente existam notas mais altas, mas “no conjunto das médias a diferença não é muito grande”, existindo, segundo as palavras do próprio, “uma certa tradição, não apenas em Coimbra mas em toda a parte, de dar notas baixas em Direito”. Ainda referindo-se à problemática das notas baixas na licenciatura em Direito, Manuel Lopes Porto acrescenta que “cada vez mais as médias só por si não bastam”. Por isso o “barómetro” que usa para averiguar sobre a qualidade do ensino na FDUC recai sobre “os resultados de concursos nacionais que não pressupõem indicação da média final, como o são o caso dos exames da Ordem dos Advogados (OA), do Centro de Estudos Judiciais (CEJ) e do Curso de Registo de Notariado”. Aí, prossegue Lopes Porto, “constatamos que de facto os grandes fornecedores são, em primeiro lugar, Coimbra, logo seguida da Universidade de Lisboa”.

O estigma das notas baixas na FDUC é, de acordo com o docente, facilmente ultrapassado pela “segurança que dá a licenciatura de cá”. Falando na primeira pessoa, o docente e presidente do CDFDUC adianta que “os grandes escritórios de advogados de Lisboa têm gosto em contratar licenciados da FDUC, e estes são admitidos com facilidade”. Esse factor de segurança mencionado por Lopes Porto é “comprovado pelo elevado número de alunos de



Jorge Nande

Futuros advogados queixam-se da falta de critérios pedagógicos

outras faculdades, e mesmo do estrangeiro” que após terem terminado os seus cursos nos estabelecimentos de origem, “tentam tirar o mestrado aqui”. Lopes Porto defende também que “todos os alunos de Coimbra que o tentaram” têm entrado em mestrado.

Outro assunto abordado por Manuel Lopes Porto é a dicotomia de critérios de avaliação e preparação entre universidades privadas e públicas. Para o professor catedrático, a avaliação que se faz na FDUC não pode ser considerada mais injusta ou exigente, “até porque há privadas que exigem provas escritas e orais obrigatórias, o que revela uma maior exigência que cá”. Lopes Porto remata que “a solução não é passar a dar mais dois valores a cada aluno de um momento para o outro”, até porque “cada docente dá notas em consciência”. Contudo, reconhece que “a licenciatura na FDCU devia ter mais aulas práticas, sem cair no exagero de ter apenas disciplinas práticas”. Para Lopes Porto é “importante que se mantenha a qualidade do curso”, mantendo igualmente “o prestígio amplamente reconhecido”.

O que se diz

Jacob Simões, advogado de profissão, formador e membro do Conselho de Dentologia da OA, e licenciado pela FDUC, defende que “em concursos públicos os alunos de Coimbra poderão ser prejudicados em relação aos alunos de outras universidades”, mas em relação à vida laboral propriamente dita “tal questão não se co-

loca”. A questão da média também não é esquecida por este advogado que afirma “procurar as pessoas pelo seu mérito e não propriamente catalogá-las à partida”, na selecção que faz no seu escritório.

No que toca à preparação dos licenciados que saem da FDUC, Jacob Simões considera que “à semelhança do que acontece noutros cursos, acabam com uma boa preparação numas áreas mas com óbvias carências noutros domínios”. Jacob Simões discorda da ideia recorrente que os licenciados em Coimbra beneficiem de uma melhor preparação, e salienta que, embora seja “evidente que saem com melhores quadros mentais”, a questão de que saem melhor preparados no seu conjunto, “não é uma verdade absoluta”.

Por sua vez, Hugo Queirós, actual presidente do Núcleo de Estudantes de Direito (NED/AAC), ao referir-se sobre a noção que os estudantes da FDUC acabam a sua licenciatura melhor preparados que os demais, lembra a intervenção da Vice-Presidente da OA, Arménia Coimbra, nas últimas jornadas pedagógicas realizadas na sua faculdade. Segundo Queirós, nessas jornadas pedagógicas, Arménia Coimbra referiu que os alunos da FDUC tinham uma grande “bagagem” que lhes permitia uma certa vantagem quando em confronto com alunos de outras faculdades.

Hugo Queirós refere que “o actual núcleo de estudantes tentou solucionar os vários problemas da faculdade” ao assumir como “pontos fortes” da sua campanha

a crónica questão da falta de instalações adequadas às exigências, as saídas profissionais precárias, e por fim, a avaliação pedagógica dos docentes. Focando a pedagogia dos docentes da FDUC, Queirós relembra os resultados que sobressaíram nos inquéritos, recentemente elaborados sobre a qualidade pedagógica, em que “grande parte dos alunos” referiu que faltava “realmente” pedagogia a alguns professores. Para o aluno de Direito e presidente do NED/AAC, a questão da pedagogia é fundamental para “as fracas notas e desempenho” dos alunos da FDUC.

Testemunhos de quem mais sabe

Entre os alunos da FDUC o receio de represálias é grande, recusando-se a maioria a prestar declarações sobre o que vai mal na FDUC. Os que a tal se prestam fazem-no com a repetida promessa de sigilo.

A Ana é aluna do 4º ano de Direito, e entre as histórias que conta do que está a ser a sua passagem pela FDUC, realça uma. Segundo a própria, “há alguns anos, ainda antes de Lopes Porto ser presidente do CDFDUC, passou-se uma “estória muito estranha com as notas de Economia Política. As notas da primeira turma saíram e foram bastante baixas. Havia muitos seis, setes, e oitos”. Ana continua: “dias mais tarde as notas da segunda turma estavam prestes a sair e como eram todas mais altas que as anteriores”, as pautas foram “imediatamente recolhidas para as segundas notas serem todas baixadas”. Pelo menos era a história que circulava de boca em boca na faculdade”, remata entre risos.

As baixas notas que geralmente figuram nas pautas da FDUC merecem uma crítica mais séria por parte de Ana. Para esta aluna, o facto de haver uma política de notas baixas na faculdade “contribui para que depois a nível de mestrados os alunos da FDUC sejam preteridos em relação a outros”, nomeadamente “os das privadas que têm melhores médias”.

No que diz respeito ao tão propalado prestígio inerente à licenciatura na FDUC, Ana considera que este “ainda existe”, mas que “em relação ao mercado de trabalho, esse prestígio já não é o que era, sobretudo” sublinha, “se tivermos em conta que concorremos com pessoas que têm médias muito mais altas que nós”.

A qualidade do ensino também merece comentários por parte de Ana. De acordo com a mesma, “a qualidade do ensino na FDUC varia porque há uma série de professores que são demasiadamente exigentes com os critérios de correcção, dado não terem em conta uma série de factores

que são determinantes para a realidade existente”. Entre esses factores Ana refere “o facto de muita gente deixar de ir às aulas porque não tem lugar, ou porque tem de se sentar no chão”, e reafirma “esses deveriam ser critérios a ter em conta”.

Ana revela-se igualmente crítica em relação à forma como as avaliações são feitas, e afirma que “muitas orais dependem do humor dos professores naquele dia, o que leva a que existam grandes disparidades nos resultados de um dia para o outro”. Esta quintanista considera que “este tipo de realidades da FDUC não são muito rigorosas”, e denotam “uma certa injustiça para com os alunos”.

Guilherme Oliveira Martins, também aluno do 4º ano da licenciatura, não exige por sua vez sigilo. Não é contudo um aluno como os demais, acumulando as responsabilidades de um qualquer estudante, com as de membro do CDFDUC. Para Guilherme, “é difícil fazer-se uma correcta avaliação do que é o ensino na FDUC”, porque “o relatório de avaliação externa relativamente aos cursos de Direito ainda não foi concluído”, embora “já devesse estar cá fora o relatório na íntegra”. Contudo, na sua avaliação pessoal, Guilherme considera que “apesar das pessoas continuarem com um espírito reivindicativo, há que admitir que nos acomodámos um pouco à situação”. Para este jovem membro do CDFDUC “quando falamos na avaliação do ensino na FDUC temos de ter em conta uma variedade de circunstâncias que condicionam a qualidade desse ensino”. A primeira dessas circunstâncias é, nas palavras de Guilherme Oliveira, “as condições das infraestruturas”. Outro dos aspectos referidos por Guilherme é “a contestada presença dos currículos nas provas orais”. Segundo este aluno, “o currículo funciona quase como um cadastro académico”, e “a ideia presente na grande parte dos alunos é que o currículo condiciona as notas nas orais”, visto que os professores dão demasiada primazia ao currículo ao invés de avaliarem o momento preciso de avaliação que são as provas orais.

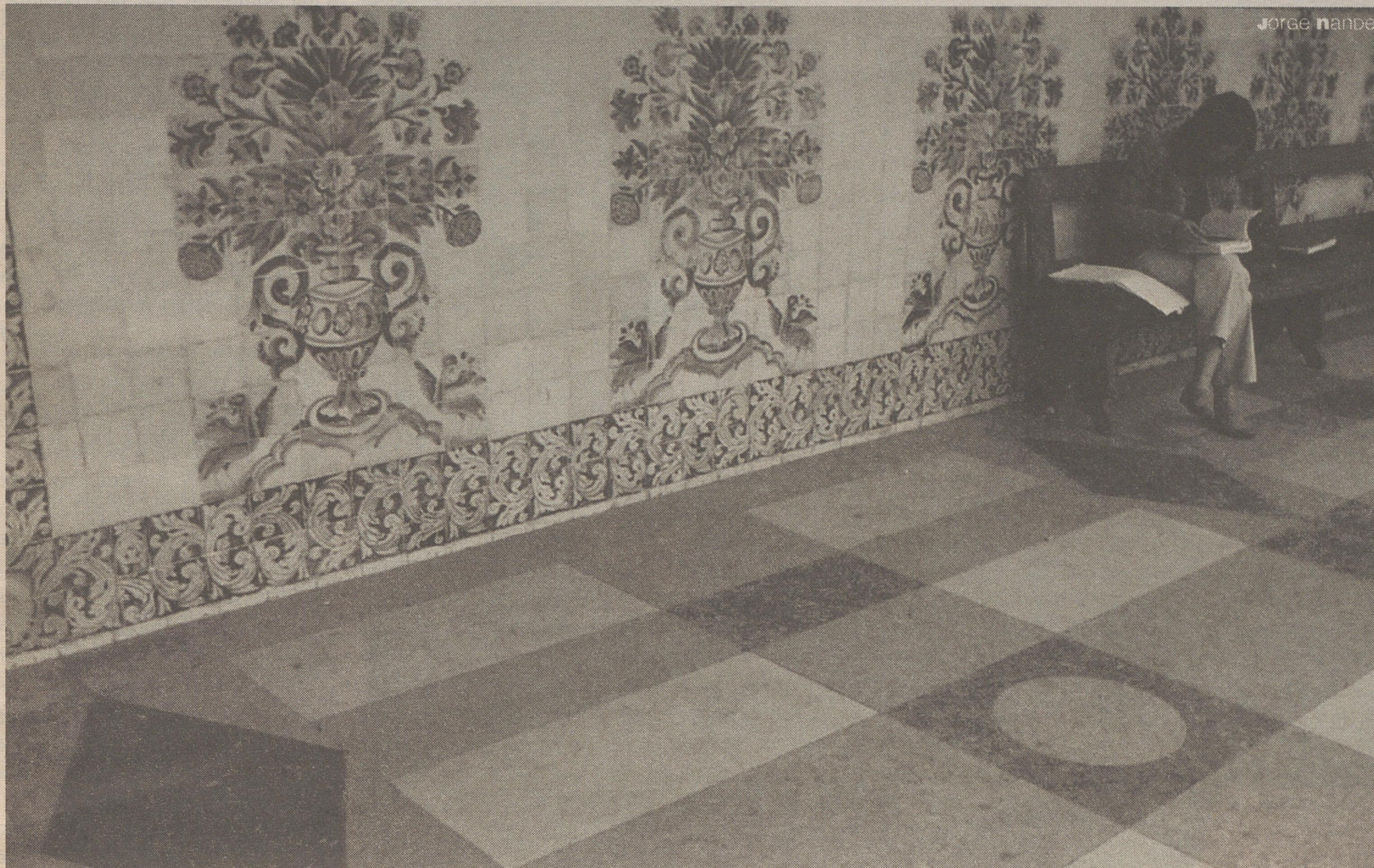
Por outro lado, também é da opinião que “é notória a falta de obrigatoriedade de afixação de critérios de correcção nas provas orais e escritas”. Este é, aliás, “um objectivo pelo qual os estudantes lutam há alguns anos”: a mudança do regulamento interno “de maneira a que fique preceituado que seja obrigatório por parte dos professores a afixação dos tópicos de correcção”. Debruçando-se agora especificamente sobre as provas escritas, Guilherme Oliveira assume que as baixas notas que são dadas podem prejudicar os alunos no acesso a mestrados. No entanto relembra que

há “mecanismos” que se usam para facilitar o acesso a este grau de ensino por parte de alunos que não possuam a média mínima necessária (14 valores). Um desses mecanismos, explica, “é que se um aluno tiver uma média superior a 13 e tiver seis cadeiras avaliadas em 14, automaticamente fica com 14”.

Quando questionado sobre a importância da avaliação pedagógica dos docentes para a

resolução de alguns dos problemas da FDUC, Guilherme Oliveira Martins é da opinião que esta “deveria pesar mais na ascensão de carreira dos docentes”. A forma da avaliação pedagógica dos docentes ser feita em “um ou dois dias, numa sala fechada, com outros professores” não é, para Guilherme, a forma mais correcta. Sobre esta questão, defende que “a avaliação pedagógica deve ser feita durante toda a carreira de um

docente, e não em um ou dois dias”, pois, ainda segundo o mesmo “um professor pode não ter qualquer método pedagógico durante toda a sua carreira”, e durante “um ou dias dessa mesma carreira falar de questões pedagógicas com grande conhecimento de causa”. Contudo, “tal não quer dizer que não há pedagogia na FDUC”. Até porque “não se pode esquecer que há professores com sites na internet, para tirar dúvidas”, finaliza.



O elevado prestígio da Faculdade de Direito da UC contrasta com as baixas notas

Nem só da FDUC vivem os problemas

Também na FLUC existem problemas relacionados com avaliações e pedagogia dos docentes.

A FLUC é igualmente pródiga em cursos em que os métodos de avaliação prejudicam os licenciados na sua integração no mercado de trabalho pretendido.

Rita, como quer ser mencionada por re-crear problemas indesejáveis, é um desses casos. No último ano da sua licenciatura em Estudos Portugueses, deparou-se com um grave revés, a negativa a uma disciplina “que até nem é das mais difíceis dos cursos, mas em que a professora imprime um nível de exigência incompreensível”. Após ter feito as restantes disciplinas do curso, ainda ficou pela FLUC, a “tentar fazer aquela cadeira”. Ao fim desses quatro anos, “era mais que evidente que a professora nunca me iria deixar pas-

sar”, por isso mudou de universidade, estando agora a acabar a mesma licenciatura em Lisboa. Para Rita a professora em questão “é um exemplo dos professores da velha guarda que tentam dificultar a vida aos alunos pelo prestígio da Universidade”. E acrescenta que “a certos professores da FLUC falta-lhes a tão preciosa faceta humana” que todo o bom professor deve ter. Para Rita, “nos dias de hoje não se compreende esta atitude” autista e “desumana”.

Patrícia é outro dos exemplos mártires a sair da licenciatura em Estudos Portugueses da FLUC. Tendo terminado o curso em 1999, com média de 12, o mais que lotado mercado de trabalho não lhe permitiu conseguir a tão

almejada colocação como professora. Patrícia reconhece que as notas dadas na FLUC pouco ou nada beneficiam todos quantos querem ser professores. Afirma mesmo que “existe na faculdade o mito que dar notas altas é proibido”, que “resulta numa média de notas que ronda os 13 valores, o que desmotiva os alunos”. Outra das razões apontadas por este licenciada para a já mencionada desmotivação dos alunos é “o método muito antigo de ensinar”, que se revela “prejudicial para os alunos e para a própria imagem da faculdade”. Para Patrícia a solução poderia passar por uma “renovação do corpo docente que, pela minha experiência, tem professores muito bons cientificamente, mas pedagogicamente maus”.

Estudo elucidativo

Estudo de 1999, já apresentava as conclusões que hoje se discutem.

O último estudo a analisar as causas do insucesso escolar na Universidade de Coimbra intitula-se “Contribuição para o estudo do sucesso e insucesso escolar na Universidade de Coimbra” e data de 1999. Este trabalho procurou, através de uma análise de vários indicadores, obtidos através de informação estatística e de inquéritos anónimos feitos aos alunos, descortinar as causas do insucesso escolar na UC.

Segundo este relatório, a taxa média de alunos da Universidade de Coimbra que não realizaram nenhuma disciplina no período dos cinco anos situa-se nos 14.5%, enquanto que 6,3% apenas realizaram uma disciplina. Os piores resultados são os obtidos na Faculdades de Letras, onde as percentagens de insucesso se situam nos 24% (alunos sem qualquer disciplina realizada) e 7.3% (alunos com aproveitamento a uma disciplina), enquanto que em Direito a percentagem se tem

mantido estável nos 16% (sem qualquer disciplina realizada) e 7% (uma disciplina realizada).

No conjunto de todas as faculdades, e para cada um dos anos considerados, a taxa média dos estudantes que não realizaram nenhuma disciplina é mais elevada relativamente à daqueles que realizaram apenas uma disciplina, excepto no caso da Faculdade de Farmácia, que apresenta valores contrários. Na Faculdades de Letras, Direito, Economia e Desporto, a taxa de alunos com zero disciplinas realizadas tem vindo a crescer ao longo do período considerado, enquanto que nas Faculdades de Medicina e Farmácia se tem mantido sempre constante.

Na Faculdade de Letras os alunos precisam, em média, de 4,7 anos para concluir um curso de 4 anos, enquanto que em Direito são necessários 6,4 anos (curso de 5 anos). Em Economia e Psicologia (cursos de 5 anos)

são necessários, respectivamente, 6,3 e 5,3 anos para conseguir o curso. Na Faculdade de Letras temos também um aumento muito grande do insucesso no último ano, que chega, em alguns casos, aos 43%.

Ao longo do período considerado verificou-se uma tendência de crescimento da taxa de alunos com zero disciplinas realizadas, sobretudo na Faculdades de Letras, Direito, Economia e Desporto. Por outro lado, na Faculdade de Ciências e Tecnologias existiu uma forte tendência decrescente nestes valores, que variaram entre os 39,3% em 92/93 e os 12% em 96/97.

Para os estudantes esta taxa elevada de insucesso está relacionada com um leque muito grande de factores, dos quais podemos destacar a má preparação no ensino secundário, o muito tempo que é dispendido em aulas, a desmotivação e a dispersão com outras actividades.

Editorial

Sérgio Alves

A edição nº 80 do jornal A CABRA traz à primeira página uma realidade que muitos consideram paradigmática na Universidade de Coimbra. A dicotomia entre um deveras propalado capital de prestígio e um demasiadamente repetido conjunto de resultados menos conseguidos por parte dos alunos da licenciatura, associados às queixas que beliscam quer as infraestruturas da faculdade quer - principalmente - a fraca pedagogia (uma vez mais o “chavão pedagogia”) dos professores e as orientações que presidem à direcção da mesma, constituem um exemplo dos vícios que actualmente são apontados à UC. Tentamos perceber, pois, quais as razões que continuam a atribuir à Faculdade de Direito um lugar cativo na denominada “lista negra da pedagogia”, procurando conhecer os factos e ouvir quem deve ser ouvido no sentido de elucidar, sem fazer opinião.

Desde há vários anos que a FDUC vem sendo acusada de mau exemplo à escala da tal pedagogia sendo que a principal arma de arremesso foi desde sempre os baixos valores nas pautas. Perante esta ideia, os órgãos que dirigem a faculdade sempre defenderam a sua dama invocando o sempre inexorável “prestígio” e a vociferada formação inigualável que (só) a FDUC garantirá aos seus alunos. É difícil, sem conhecimento de causa, dizer se hoje a formação que é garantida na FDUC é superior àquela que é fornecida nas outras faculdades de Direito do país, sendo certo que a proliferação a que hoje vamos assistindo ainda nos traria algumas dores de cabeça no sentido de melhor fazer essa análise. Mas mais difícil será conseguir explicar ao aluno, pese embora a reconhecida e inexpugnável boa formação que lhe é fornecida na FDUC e as portas que esta “chancela” ainda vai abrindo nos dias que correm, que parte em desvantagem - quando concorre a um qualquer lugar (académico ou profissional) - face aos colegas de outra instituições apenas porque na sua faculdade entende-se que exigência é sinónimo de notas niveladas por baixo.

No entanto, e apesar de tudo, tanto na FDUC como nas restantes faculdades e departamentos da UC em que as notas, de uma forma mais ou menos grave, de uma forma mais ou menos justificada, vão preocupando os seus principais interessados, a ponderação do problema deve passar essencialmente pelo núcleo que, de uma ou outra maneira, acaba por dar origem às temidas e nefastas consequências: de novo a pedagogia. Esse termo que significa tanta coisa e que é bandeira de tantas causas, sem que muitos cheguem sequer alguma vez a perceber os seus contornos, aquilo que verdadeiramente significa. Na forma mais simplista que neste momento consigo encontrar, pedagogia pode ser definida simplesmente como a capacidade - que não é inerente à condição de licenciado, doutorado ou jubilado - de transmitir aos outros aquilo de que se tem conhecimento e formação, a consciência de que do outro lado da barreira invisível não se encontram máquinas e que as responsabilidades perante os maus resultados, e os méritos aquando dos bons resultados, devem ser sempre divididos.

É fundamental pois que, à medida que se vai apregoando prestígio, não seja tranquilamente esquecido aquilo que é realmente essencial. Porque a culpa não pode e não deve cair sempre do lado de quem mais perde com ela.

António Luzio Vaz, administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, em entrevista à CABRA

“O governo dá-nos zero no que respeita

Há 22 anos à frente dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC), António Luzio Vaz fala das bolsas de estudo e da sua fiscalização, das residências universitárias e da dificuldade em fazer chegar à AAC o apoio indispensável, o que muitas vezes resulta das imperfeições de um sistema que quase não permite ajustes.

Cecília Santos

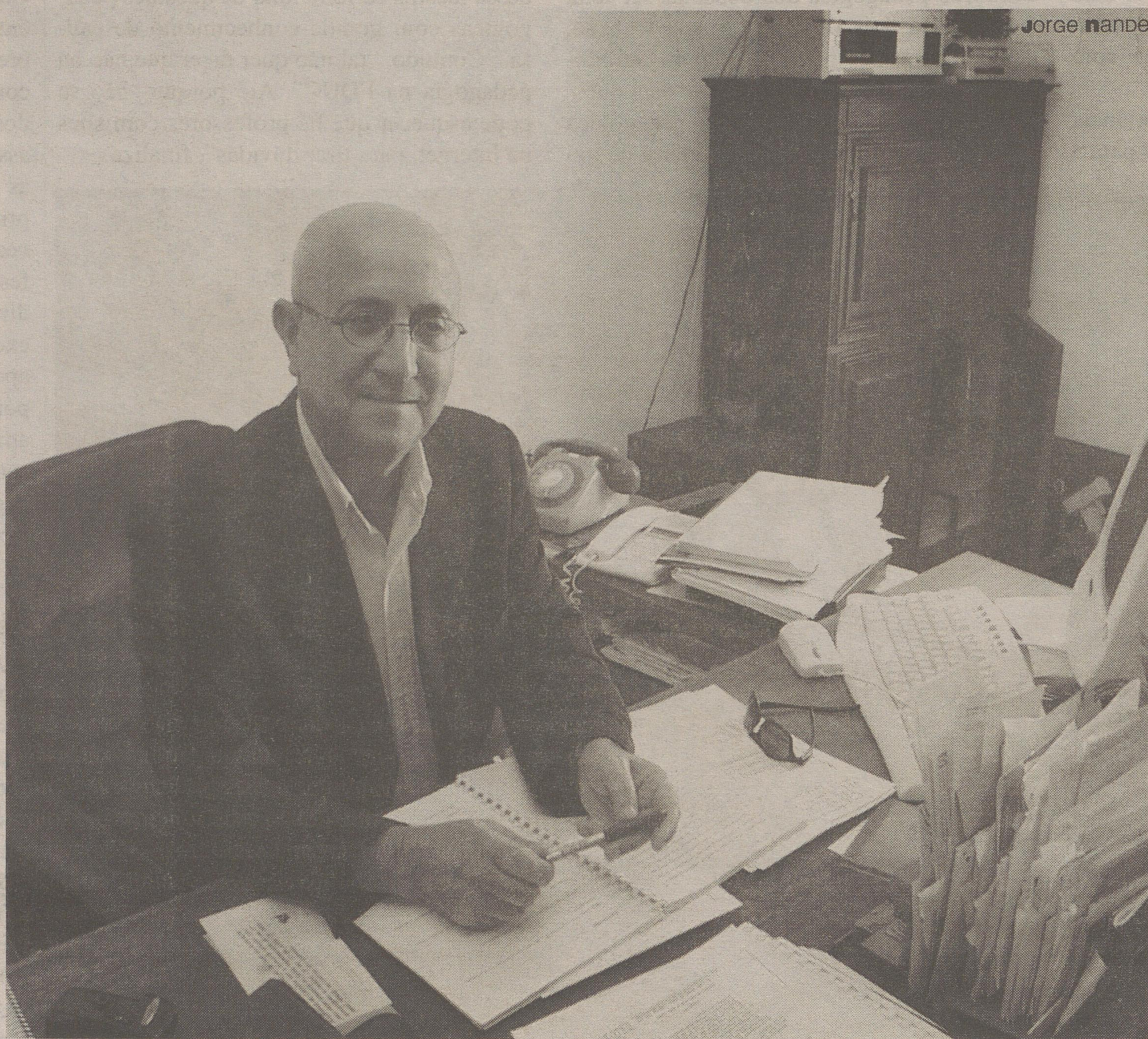
António Luzio Vaz é o homem que há mais de 20 anos dirige os destinos da acção social na Universidade de Coimbra. As bolsas para os estudantes mais carenciados são apenas a face mais visível do trabalho desenvolvido pelos SASUC. A Cabra falou com o seu administrador sobre o sistema de atribuição destes benefícios mas também sobre os problemas que frequentemente se levantam nas restantes áreas dependentes destes serviços.

Quais são os critérios de atribuição de uma bolsa de estudo dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC)?

Há um regulamento que faz parte de um despacho ministerial que fixa anualmente as regras. O critério principal é o princípio da complementaridade, ou seja, encontra-se o rendimento do agregado familiar, descontando os encargos com doenças, transportes e alojamento, e divide-se pelo número de elementos que fazem parte desse agregado. Daí obtém-se a capitação, e a bolsa é atribuída em função dela. Quanto maior é a capitação menor é a bolsa, e vice-versa, portanto, um indivíduo que tenha a capitação mínima tem a bolsa máxima, que neste momento é no valor de 74 670 escudos (cerca de 372 euros), um valor ligeiramente superior ao do Salário Mínimo Nacional. O valor mínimo que uma bolsa pode ter é de 6 380 escudos (aproximadamente 32 euros).

E em que condições é que um estudante pode perder a bolsa?

Tem-se direito à bolsa enquanto se estiver em condições de acabar o curso nos anos previstos mais dois. E num deles tem que ter havido aproveitamento mínimo. Portanto, admitimos um chumbo sem aproveitamento mínimo, mas o outro já tem que observar esta condição. Mas se houver dois chumbos com aproveitamento mínimo, nem sequer se chega a perder o direito à bolsa, a não ser que haja um terceiro. Neste caso, mesmo com aproveita-



“Nós não temos poder para, “a olho”, ajustar as situações”.

“Todos os anos são repostos milhares de contos de bolsas indevidas.”

“Temos feito algumas coisas com aquilo que podemos, mas é muito difícil manter o equilíbrio. Há muitas coisas a que temos que dizer que não.”

“O regulamento prevê que à acção social do ensino superior cumpre o apoio às actividades desportivas e culturais. Só que neste capítulo, o governo dá-nos zero.”

mento mínimo em todos, perde-se o direito à bolsa. Esta é a regra geral. Mas a lei permite ultrapassar estas situações em caso de doença, ou acontecimentos considerados socialmente impeditivos do aproveitamento escolar. Por exemplo, se o aluno teve um problema grave na família, que o afectou, como seria o caso de um divórcio, ele será tido em consideração. Já temos tomado em conta também, por exemplo, o rompimento com o namorado, já aconteceu. Há casos em que a pessoa fica completamente arrasada, e nós consideramos isso. Claro que comprovadamente, com documentação médica, e com entrevistas. E é muito difícil representar “teatralmente” uma situação dessas.

O conceito de aproveitamento mínimo varia consoante se trate de um curso que funcione por créditos ou por cadeiras?

De certo modo, mas acaba por ser equivalente. Anda à volta de um aproveitamento em 40% das cadeiras do ano ou dos respectivos créditos.

O sistema é o mesmo no que toca à conservação de um quarto numa residência universitária?

É diferente, há uma regra que em certa forma nós instituímos. A lei diz que quem não for bolseiro não pode estar nas residências, mas não há regulamento, pelo que nós atribuímos o alojamento com base em regras de consenso. Entendemos que em casos de dois anos de reprovações seguidos é razoável que se perca o alojamento. No caso de três reprovações intercaladas também já é complicado. Nós permitimos que com duas reprovações intercaladas se conserve o alojamento; com três, já não.

Voltando aos critérios de

atribuição de bolsas: o principal é o da capitação, um critério geral e abstracto e que vale igualmente para todos os candidatos às bolsas. Mas a verdade é que um curso superior pode implicar mais custos para uma pessoa de determinada região do país, assim como também é verdade que alguns cursos são bem mais dispendiosos que outros. Estas especificidades não deveriam também ser valoradas aquando do cálculo do valor da bolsa? Não deveria haver uma indexação da bolsa aos custos reais de frequência do curso?

Eu estou de acordo com isso. Acho que este regulamento é omissivo em muitas coisas. O regulamento não foi feito por nós e foi-nos dado sem nos consultarem. Foi feito pelo ministério do governo anterior e nem os administradores nem os assistentes sociais fomos consultados. Estas es-

pecificidades deviam ser consideradas, e não o são. Claro que, apesar de o critério principal ser o da capitação, há outros princípios inspiradores: o da justiça social e o da equidade, que nos permite em casos muito especiais e devidamente fundamentados, ir contra o próprio regulamento. São casos em que a pessoa tem uma bolsa que é de todo incomportável, tem quatro irmãos a estudar, tem gastos enormes... E aí, em casos especiais que se contam pelos dedos de uma mão, é-nos permitido ir contra a própria lei e fazer a tal justiça.

Portanto, mesmo na aplicação de um regulamento que vem de fora, há uma certa margem de discricionariedade em determinados casos.

Sim, mas muito mínima, quase insignificante. Porque nós podemos corrigir a capitação se numa família houver dois estudantes universitários, nesses casos abate-mos na capitação 10%, o que não é uma coisa expressiva. No caso de aproveitamento escolar com as cadeiras todas feitas, também há um benefício. Mas pouco mais será que isto. No caso de um agregado que subsiste apenas de pensões sociais também há um bónus, mas um bónus taxativo: são 10% e não passa disso. Nós não temos poder para, “a olho”, ajustar as situações. A própria lei define como é que é nestes casos. Há casos em que, pelo regulamento, o aluno não tem direito a bolsa, por qualquer motivo. Imaginemos isto: um caso grave de uma relação terrível entre pai e filha, casos de abuso complicados, e já houve casos destes. Quando forem devidamente comprovados através de atestados médicos, e às vezes depoimentos até do padre da freguesia, não é razoável que se obrigue esta pessoa a depender do pai, sem prejuízo de que se possa intentar uma acção judicial de alimentos. Nestes casos, desde que fundamentado devidamente, pode haver atribuição de bolsa. Mas são casos excepcionalfíssimos.

As bolsas e a fiscalização

A partir do momento em que um candidato preenche todos os requisitos para ter acesso à bolsa e esta lhe é atribuída, há algum sistema de fiscalização a posteriori que permita atestar que essas condições se mantêm?

Durante o ano não. Acredita-se que se a pessoa concorreu a bolsa de estudo e se ela lhe foi atribuída, é um direito que lhe foi dado e a bolsa mantém-se o ano todo, a não ser que haja uma denúncia, e há bastantes. De colegas, de pessoas da terra... E aí nós, mesmo sendo denúncias anónimas, desde que sejam fundamentadas, fazemos um inquérito.

Em que é que consiste um inquérito desse teor?

ao apoio às secções da AAC”

Vão duas assistentes sociais à localidade da pessoa, que são enviadas para o efeito, e que nestes casos é como se fossem quase delegadas do Ministério Público, e as pessoas têm o dever de lhes responder. Contactam a junta de freguesia, e uma outra entidade da terra, como instituições sociais, e contactam os pais. A partir daí vêem com os seus próprios olhos o local de habitação, os sinais exteriores de riqueza.

Então este processo de averiguação pode ter lugar em qualquer altura, e a pessoa pode ver-se obrigada a repor o valor da bolsa.

Sim, e tem acontecido muitas vezes obrigarmos à reposição. Todos os anos são repostos milhares de contos. Se tiver sido uma coisa insignificante e considerarmos que essa reposição não é significativa em termos económicos, e se concluirmos que se tratou mais de um lapso do que de uma intenção dolosa de enganar, deixa-se passar. Mas se verificarmos que houve uma intenção dolosa com o propósito de enganar, um verdadeira fraude, aí não temos dúvidas.

Mas o processo acaba mesmo por aí, ou ainda há lugar a uma acção criminal?

Já houve uma ou duas acções criminais. Mas as pessoas depois acabam por se arrepender e repõem tudo. Mas não é fácil. É que muitas vezes um indivíduo tem uma bolsa de 20 contos e com o engano consegue mais dez, e os pais até são relativamente carenciados. Há de facto uma fraude, mas se calhar a intenção era apenas obter mais dez contos que até davam muito jeito. Obter mais do que a reposição é difícil. A não ser que a pessoa seja reincidente.

As verbas e o equilíbrio

A política de contenção de despesas posta em vigor pelo actual governo vai atingir os bol-



Jorge Nando

Luzio Vaz lamenta a falta de apoio do governo à cultura e ao desporto

seiros dos SASUC?

Não. Neste momento já temos creditação para o ano todo.

Qual é o montante anual que é distribuído em bolsas de estudo para os SASUC?

1 134 400 contos (227 426 780 euros). É o dinheiro que vem para bolsas e que é todo distribuído. Este é o montante que nos é dado. Se sobrar, é devolvido. Mas gastamo-lo sempre todo.

Mas a actividade dos SASUC não se limita apenas à atribuição de bolsas. Os Serviços de Acção Social também prestam apoio às secções culturais e desportivas da

Associação Académica de Coimbra (AAC) ...

Exactamente. O regulamento prevê que à acção social do ensino superior cumpre o apoio às actividades desportivas e culturais. Só que neste capítulo, o governo dá-nos zero. Mas nós temos apoiado, e bastante, tendo em conta as posses que temos, mas com dinheiro de receitas próprias. É com essas receitas que nós apoiamos as repúblicas, a AAC ... Porque para isso o governo não nos dá nada. Apoiamos com o dinheiro que os estudantes pagam, nas cantinas, no Centro Cultural D. Dinis, nos

textos ... Desse dinheiro temos que pagar todos os géneros, porque o Estado não dá nada para eles, temos ainda que pagar parte do pessoal das cantinas e daí ainda tiramos algum dinheiro para as repúblicas e as casas comunitárias, através do fornecimento de géneros. Só aí, as repúblicas e as casas comunitárias pagam apenas 48% dos géneros, o que significa um benefício anual de cerca de 30 mil contos, que vai sobrecarregar as refeições, um vez que este dinheiro devia ser dado em refeições. O apoio à AAC, secções culturais e desportivas, organismos

autónomos e núcleos é também dado em dinheiro, mas sobretudo em refeições. E esse dinheiro, que ascende a uns milhares de contos largos, vai aumentar o custo das refeições. Temos feito algumas coisas com aquilo que podemos, mas é muito difícil manter o equilíbrio. Há muitas coisas a que temos que dizer que não.

Tem havido por parte do governo, não digo que este vá entrar pelo mesmo caminho, é ainda muito cedo para dizê-lo, mas tem havido um alheamento muito grande no apoio à cultura e ao desporto que carecem dos sociais.

“O D. Dinis é um local do qual muito me orgulho”

As verbas provenientes dos SASUC que se destinam a apoiar as secções culturais e desportivas da AAC, assim como as repúblicas e as casas comunitárias, não têm lugar no orçamento destes serviços. Elas saem das receitas próprias dos serviços prestados pelos SASUC, que incluem o Centro Cultural D. Dinis. A propósito deste local, Luzio Vaz fala das críticas que considera injustas e do orgulho que tem num centro de convívio como o D. Dinis.

O facto de o governo não dotar os SASUC com verbas para o apoio às secções culturais e desportivas da AAC, ou mesmo para as repúblicas ou as casas comunitárias, obriga estes serviços a um malabarismo financeiro difícil que leva à distribuição de receitas próprias, provenientes, por exemplo do Centro Cultural D. Dinis. Um local muito criticado, como explica Luzio Vaz, que refuta essas mesmas críticas: “Esse di-

nhheiro vem de sítios como o Centro Cultural D. Dinis. Há muitas críticas ao D. Dinis como ele é agora. As “casas da noite”, a concorrência, acusam o D. Dinis de ser concorrência desleal porque é só para universitários. Mais de 90% dos seus frequentadores são estudantes universitários, e aquilo foi feito com uma intenção: ajudar o estudante mais carenciado, o estudante que não tem dinheiro para ir aos outros locais nocturnos da cidade. A muitos desses locais, muitos dos nossos estudantes não têm dinheiro para ir. E não é só o dinheiro. Não estão à vontade, não se sentem num local universitário, porque vem logo um segurança ou alguém para o obrigar a beber a cerveja. O D. Dinis só está aberto até às três da manhã, e essa hora é apenas um limiar, e dali pode-se sair para o resto dos sítios. Este pretende ser um lugar de acolhimento do estudante à noite, além de receber realizações

culturais: lançamento de livros, de discos, conferências, concertos... E neste momento há lá lições de piano todos os dias. Temos uma professora de piano que era caixa das cantinas, e viemos a saber que tinha o curso do conservatório, e agora dá aulas de piano no D. Dinis. E à noite, um pouco de convívio, com umas cervejas à mistura, é uma coisa muito normal. Acusam-nos de que temos os preços mais baratos, mas isso não é verdade. São mais baratos os preços das bebidas sem álcool e da cerveja normal, porque o resto das bebidas alcoólicas são algumas mais caras que cá fora, e é de propósito, com a intenção de afastar a procura a essas bebidas”.

Luzio Vaz defende que o D. Dinis é um local ordeiro, ao contrário da maior parte dos demais locais nocturnos da cidade, e acrescenta que este modelo de “pubs” universitários não é novo - ele é comum em vá-

rios pontos da Europa: “Nunca houve problemas no D. Dinis. Está aberto há quase 20 anos e nunca houve lá confusões por aí além, porque é um local aberto, um local franco, com ordem. Há que compreender a irreverência própria da juventude e há que criar condições para que essa irreverência não ultrapasse os limites normais. E é isso que há no D. Dinis. E não é preciso pagar nada para entrar lá e encontrar-se com colegas e amigos, e curar uma neura, uma frustração, um chumbo, a falta de dinheiro... E acho que é um local muito feliz e do qual muito me orgulho. E aquilo nasceu dos contactos que eu tive por essa Europa toda e foram bastantes, quer enquanto estudante quer já como administrador, onde eu encontrei locais do género, “pubs” universitários. E o D. Dinis podia ser apenas um “pub”, mas não é, é muito mais diversificado do que isso”, conclui o administrador dos SASUC.

Ministro projecta novas políticas estruturais

A reestruturação do ensino superior

Em cenário de alguma expectativa, Pedro Lynce apresentou o seu programa de transformações a implementar na orgânica do ensino superior. Ainda na forma de anteprojecto, dependente de aprovação do Parlamento, o documento pretende estabelecer parâmetros de qualidade, orientadores das instituições de ensino.

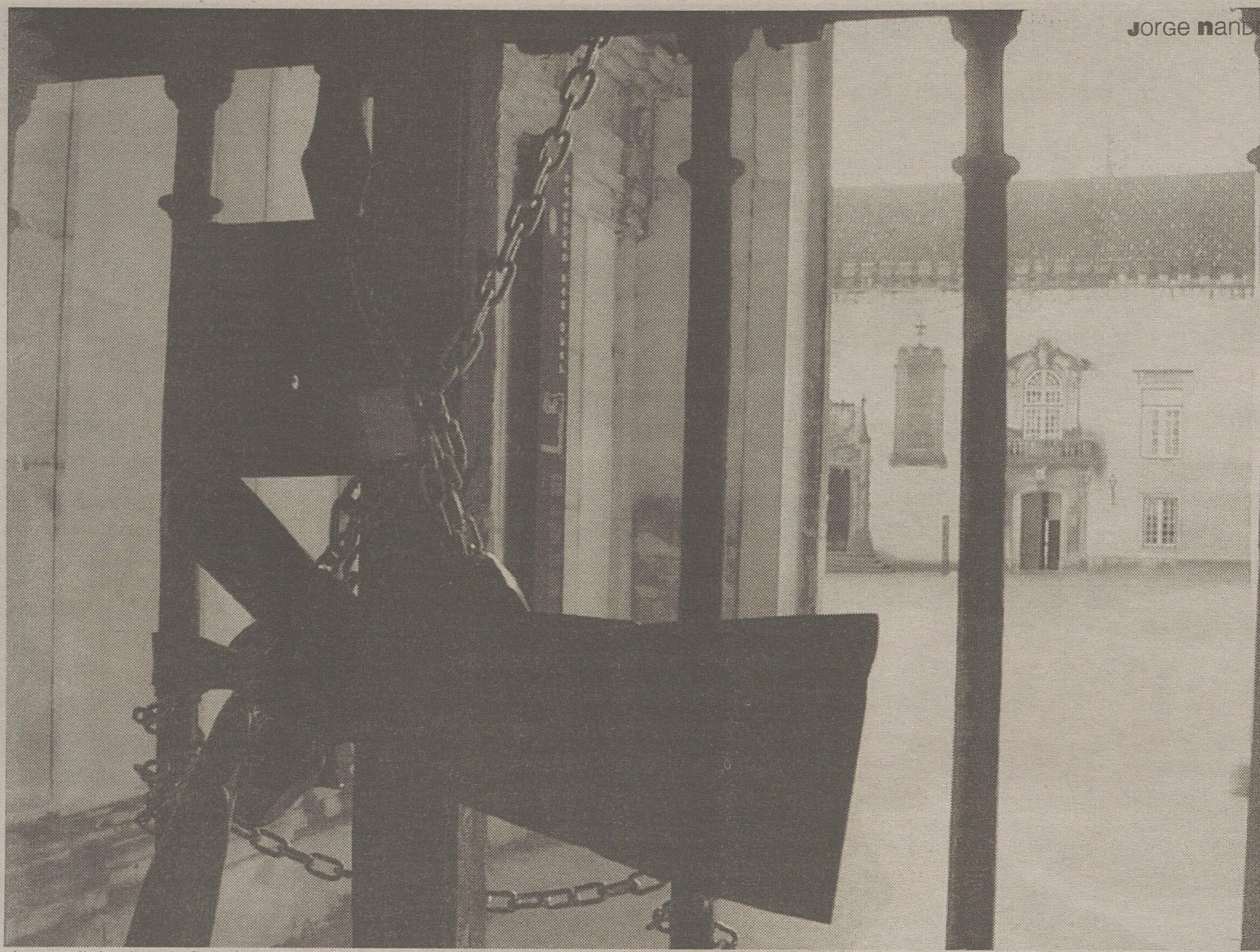
Gustavo Sampaio
Tiago Azevedo

O novo Ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce, apresentou o seu projecto de reorganização estrutural do sector educativo. O anteprojecto de Lei do Desenvolvimento do Ensino Superior, a ser aprovado na Assembleia da República, idealiza a criação de medidas que promovam o aumento da qualidade, da igualdade de oportunidades e do sucesso escolar. Pretende igualmente atribuir maior autonomia às instituições de ensino, de acordo com a responsabilidade pedagógica e científica que cada uma demonstre possuir.

A nova política de reestruturação do ensino superior tem como base quatro princípios fundamentais, segundo o documento integral do projecto. Os quatro princípios consistem na qualidade do ensino e da investigação, na igualdade de oportunidades, no aumento de produtividade do sistema e na garantia de liberdade de escolha do ensino a todos os níveis. Ao manter estes quatro ideais, a nova tutela pretende desenvolver três eixos prioritários de acção assentes na reorganização do ensino superior, no reforço da acção social e escolar e no combate ao insucesso escolar.

Avaliação das escolas

O Ministério da Ciência e do Ensino Superior tem projectadas profundas alterações no sistema de avaliação das instituições de ensino, desde as universidades aos politécnicos públicos e privados, com base no anunciado desenvolvimento de um anteprojecto de Lei do Desenvolvimento do Ensino Superior. A nova estrutura



Jorge Nande

A qualidade deficitária de cursos e faculdades pode levar ao seu encerramento, avisa Pedro Lynce

avaliativa prevê fortes penalizações para as escolas que não cumpram determinados requisitos, o que poderá significar o encerramento de cursos e universidades por falta de qualidade.

Os anteriores relatórios de avaliação resumiam-se a uma apreciação global das áreas científicas. O novo modelo pretende instituir o objectivo de informar alunos e famílias sobre a qualidade das formações que cada instituição de ensino superior oferece. Deste modo, para além da simples apreciação dos cursos, o Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior deverá promover a avaliação das instituições

como um todo e atribuir uma classificação qualitativa. A intenção será distinguir claramente as melhores escolas das mais fracas.

A nova orgânica idealizada assemelha-se em grande parte com o modelo actualmente aplicado no processo de avaliação dos centros de investigação. Nesta área específica, as várias unidades são apreciadas por peritos, na sua maioria estrangeiros, cujos pareceres dão lugar a classificações que vão desde o “excelente” ao “fraco”. Um modelo que poderá ser putativamente aplicado ao ensino superior.

Os cursos superiores sem dinâmica futura ou com um número

muito reduzido de alunos devem encerrar, sucedendo o mesmo às licenciaturas e instituições de ensino que obtiverem avaliação negativa. Estas medidas deverão afectar primordialmente as áreas científicas mais saturadas em termos de saídas profissionais, como é o caso da formação de professores e das licenciaturas em Direito.

Reacções suscitadas

O novo projecto, apresentado pelo gabinete de Pedro Lynce, revela uma certa ambiguidade ao não definir concretamente os parâmetros de avaliação da qualidade das instituições. Victor Hugo

Atenuamento de assimetrias escolares

O ministro Pedro Lynce garante que não serão criados novos cursos de Medicina, públicos ou privados, enquanto a actual situação no sector se mantiver. Em recentes declarações públicas, o responsável pela pasta do ensino superior sublinhou que no nosso país “a relação entre número de médicos e de habitantes é praticamente idêntica à média da União Europeia”, pelo que não existirá um défice de profissionais mas uma “má distribuição” dos mesmos.

Paralelamente, o número de alunos portugueses que procuram ingressar em faculdades de Medicina espanholas continua a au-

mentar. Todos os anos, centenas de alunos prestam provas perante um júri da Universidade Nacional de Educação à Distância com vista a preencher as vagas disponibilizadas por escolas espanholas.

O apertar do cinto não afecta somente a licenciatura em Medicina. O mesmo tipo de actuação será aplicado noutros cursos que apresentem um notório excedente de alunos em relação às necessidades e capacidades do mercado de trabalho.

De forma antagónica, existem igualmente cursos com um preocupante défice de alunos matriculados. Subsistem actualmente cerca de 180 cursos do ensino supe-

rior público que receberam menos de uma dezena de novos alunos no presente ano lectivo. Uma realidade funesta de carácter transversal, atingindo tanto as pequenas escolas do interior como as instituições mais prestigiadas dos centros urbanos do litoral. O ensino privado também não escapa ao esvaziamento de cursos, apresentando alguns casos de relativa gravidade.

Perante este cenário, a tutela anunciou publicamente que o funcionamento de tantas formações com tão poucos estudantes não é concebível, argumentando que tal é representativo de um desperdício de recursos físicos e humanos.

Salgado, presidente da Associação Académica de Coimbra, alerta para a necessidade de “saber efectivamente o que é a qualidade, e em que moldes é que vamos passar à prática dessa mesma qualidade”. A eficácia do novo sistema dependerá dos critérios escolhidos no âmbito do processo avaliativo.

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão, considerou que será difícil “partir da avaliação de cursos para a avaliação das instituições”. Sublinhando a especificidade de cada instituição e dos seus respectivos cursos, onde inúmeros factores confluem em relativa subjectividade, Adriano Pimpão considerou viável a avaliação concreta dos cursos. No entanto, “falar em instituições que têm vários cursos, várias áreas, e constituir um ‘ranking’ não me parece que seja um trabalho possível de fazer com um resultado muito sério”, alertou.

A questão que agora se levanta relaciona-se com o caminho pelo qual este novo elenco governativo irá optar, formulando escolhas que permitam analisar caso a caso e definir se uma qualquer instituição tem as condições necessárias para formar estudantes. Esta avaliação decorre tanto das condições que o próprio estabelecimento oferece aos estudantes, bem como perspectiva a futura integração dos recentes formados no mercado de trabalho. Victor Hugo realça que esta nova política ministerial ainda se baseia em muitas incertezas e refere que “ainda não estabeleceu, efectivamente, questões concretas em relação ao mercado de trabalho”. Na continuação deste raciocínio infere que “posições como avaliar determinadas instituições, avaliar determinados mercados de trabalho, impossibilitar o financiamento a determinadas instituições às quais o mercado de trabalho se encontra saturado” são medidas que demonstram a vontade do governo em marcar uma posição.

Somente após a aprovação do anteprojecto na Assembleia da República, sendo submetido a votação no dia de hoje, serão reveladas as directrizes que o processo de avaliação das instituições do ensino superior deverá adoptar e a forma como será delineada a qualidade de cursos e instituições.

Ficha Técnica

Director: Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Emanuel Graça **Paginação:** Pedro Correia, Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Helder Dantas, Maria João Lopes **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Aida Lima, Ana Laura, Anselmo Câmara, Carolina Ferreira, Cecília Santos, Cláudia Rodrigues, Cristina Rodrigues, Daniel Belo Mendes, Daniela Pereira, Fátima Rachinhas, Gabriela Domingues, Gonçalo Duarte, Gustavo Sampaio, Helena Marques, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Cortesão, João Pedro Marques, João Pereira, João Vaz, Jonas Batista, Jorge Nande, José Carlos Santos, Liliana Guimarães, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Márcia Oliveira, Marco Carvalho, Mário Guerreiro, Nuno Curado, Nuno Dias, Diogo Serras, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Rui Caniço, Sara Martins, Sónia Nunes, Sílvia Matos, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vítor Rodrigues Oliveira **Colaboradores:** Ana Dias, António Gil Leitão, Bruno Ferreira, Carina Valério, Eduardo Brito, Flávia Diniz, João Vasco, Kossaqui, Sílvia Madeira, Sofia Carvalho, Vânia Correia, Vera Santos **Fotografia:** Pedro Correia, Hugo Rascão, Jorge Nande **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/916399082/239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Coimbra com mais encanto

Autarquia promove programa de recuperação de fachadas

A degradação de algumas zonas históricas da cidade, particularmente da Alta Coimbrã, é uma realidade que tem vindo a preocupar a Câmara Municipal de Coimbra.

Neste âmbito, o executivo camarário lançou o “Coimbra com mais encanto”, um projecto de requalificação de fachadas que pretende contribuir para uma renovação de zonas habitacionais do concelho e que se destina, sobretudo, ao centro histórico e a zonas rurais.

O programa está aberto a candidaturas até ao final do mês, que poderão ser feitas tanto pelos proprietários dos imóveis como pelos inquilinos. Uma vez aprovados por técnicos camarários, os projectos dos candidatos beneficiam do apoio da autarquia para a sua concretização, comprometendo-se esta a fornecer os materiais e matérias-primas necessários.

Excluídos deste projecto encontram-se os edifícios que tenham já sofrido alterações não autorizadas pela câmara.



Pala na baixa: uma ideia que começa a tomar forma

Aberto concurso para cobertura da baixa

Arquitectos de renome convidados a apresentar projecto

A Câmara Municipal de Coimbra vai lançar o concurso público para as propostas de realização da cobertura sobre a Rua Ferreira Borges e a Rua Visconde da Luz. Santiago Calatrava, Siza Vieira, Eduardo Souto Moura e Manuel Salgado, nomes que já haviam sido referidos anteriormente pelos responsáveis por esta iniciativa, são os arquitectos convidados pela autarquia a apresentar projecto. Ao vencedor caberá um prémio no valor de 10 mil euros, uma quantia pouco significativa que suscitou alguma controvérsia entre os vereadores.

A cobertura pretende, a par com outras iniciativas que têm vindo a ser levadas a cabo pela câmara, dar um novo ânimo à baixa da cidade. Pretende-se criar uma área coberta, que incentive a afluência de pessoas a esta zona e fomenta o comércio tradicional.

A apreciação dos projectos está a cargo de um júri constituído pela vereação, cuja decisão será baseada em critérios de qualidade formal e funcional. Os custos apresentados para a realização da obra serão, ainda, um factor a ser levado em linha de conta.

Renovado Aeródromo Bissaya Barreto

Coimbra quer voar mais alto

A proposta de Horácio Pina Pratas (vice-presidente da Câmara Municipal de Coimbra) para a elaboração de um novo Plano Director do Aeródromo Municipal Bissaya Barreto foi aprovada por unanimidade em reunião do executivo camarário, realizada no passado dia 17.

Com o objectivo de colmatar as necessidades colocadas por eventos como Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 e o Euro 2004, e tendo também em vista integrar a cidade nas linhas de Transportes Aéreos Regionais, o aeródromo será alvo de um processo de renovação. Encontra-se já pla-

neada uma ampliação da pista (que passará dos actuais 900 metros para 1220 metros), bem como a reestruturação dos sistemas de iluminação e segurança e a melhoria das condições gerais de acesso e dos equipamentos de apoio. Pretende-se com estas medidas criar uma infraestrutura capaz de potenciar o desenvolvimento da região, particularmente no que ao turismo e à prestação de serviços diz respeito.

Estima-se que o custo das obras de requalificação ronde os 200 mil euros, orçamento que se encontra já inscrito no Plano de Actividades para 2002.

Girassolum com nova cara

Centro comercial será remodelado até final de 2003

Um ano e meio é a duração prevista para as obras de remodelação do centro comercial Girassolum. A VisionArq, empresa responsável pelo projecto, prevê, assim, que este esteja concluído ainda antes do Euro 2004.

Com quase duas décadas de existência, o Girassolum começava já a apresentar sinais de desgaste e os esforços de modernização serão diversificados. Proceder-se-à a um novo revestimento do chão e dos tectos e a uma reestruturação dos sistemas de ventilação e de evacuação. Por sua vez, as casas de banho serão alvo de renovações, passando a incluir fraldários e um espaço adequado para deficientes. Prevê-se, ainda,

a dinamização dos espaços abertos e das esplanadas.

Tendo como objectivo minimizar as consequências para as 114 lojas que exercem a sua actividade no edifício, o centro comercial não será totalmente encerrado. As obras serão feitas faseadamente, através da encerração parcial e sucessiva de cada um dos pisos. Muito embora acarrete custos mais elevados, a realização de obras durante a noite não é ainda uma ideia posta de parte.

O orçamento para este empreendimento ascende já ao milhão de euros, um valor que é quase o dobro dos custos inicialmente estimados.

Verão desportivo em Coimbra

Câmara lança projecto para promover o desporto na cidade

O Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Coimbra apresentou, no passado dia 20, um vasto conjunto de iniciativas que têm por objectivo o fomento da prática desportiva. Os diversos eventos encontram-se divididos em programas distintos e terão lugar nos próximos meses de Julho, Agosto e Setembro.

As Férias Desportivas, um dos programas que será levado a cabo este Verão, destinam-se a proporcionar aos jovens uma forma salutar de ocupação dos seus tempos livres. A vertente de Animação Desportiva em zonas verdes procura incentivar, nos jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, o gosto pelo contacto directo com a natureza, sensibilizando-os para a necessidade de preservação de espaços verdes. Por seu lado, a Iniciação à

Natação, que terá lugar nas Piscinas Municipais e se destina a jovens entre os oito e os 16 anos, pretende inicia-los na prática da modalidade e incentivar o interesse pelo desporto em geral.

O Programa de Animação Desportiva do Rio tem como finalidade aproveitar as potencialidades do Mondego para a prática de modalidades diversas. Assim, serão contempladas, tanto na sua vertente lúdica como na vertente competitiva, actividades tão díspares como a motonáutica, o polo aquático, a vela e o remo. Um dos pontos altos deste programa será a realização do Campeonato Mundial de Pesca Desportiva.

O campo de piso sintético permanecerá na Praça da República até ao final do mês de Julho, podendo mesmo vir a ser palco de pequenos torneios.

A Ecovia vai à baixa

Transportes municipais ajudam o comércio tradicional

Em resultado de um recente protocolo celebrado pela Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC) e pelos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra, a Ecovia vai passar a integrar nos seus circuitos a Baixa Coimbrã. O acordo irá permitir aos clientes do comércio tradicional desta zona da cidade o acesso a este serviço enquanto realizam as suas compras.

Com esta medida, pretende-se fomentar o comércio tradicional da baixa, debilitado pela concorrência das grandes superfícies, e contribuir para uma revitalização de uma

das zonas mais emblemáticas da cidade. Simultaneamente, procura-se incentivar o uso e demonstrar as potencialidades de um meio de transporte que tem sido alvo de uma fraca adesão.

Os comerciantes sócios da ACIC que aderirem à iniciativa deverão comprar, a um preço 25% abaixo do tarifário normal, os bilhetes da Ecovia. Os seus estabelecimentos serão devidamente assinalados e poderão então facultar os bilhetes aos clientes, sem que estes se vejam obrigados a estacionar as suas viaturas nos parques de estacionamento da Ecovia.

PUB

29.06.02

LE SON COIMBRA

A RUC APRESENTA

mark kozelek

(RED HOUSE PAINTERS) + MOSS SIDE

RUC

NOVA ALTERNATIVA

Lusitana globalização

Organizações não-governamentais, sindicatos e partidos políticos de esquerda unem-se numa luta conjunta contra as desigualdades sociais e o neo-liberalismo. Com os “olhos postos” na Europa, após a viragem à direita, Portugal começa assim a entrar na rede que exige uma globalização alternativa, subsidiária do Fórum Social Mundial.

Emanuel Graça

Numa Europa ainda em reorganização política após os últimos resultados eleitorais, com uma clara regressão da esquerda institucionalizada e um aumento explosivo da extrema-direita nos resultados finais, está na forja um novo movimento social transnacional para contrariar estas tendências. O movimento anti-globalização europeu, uma força em crescendo como comprovaram as recentes manifestações em Sevilha aquando da Cimeira da União Europeia, une nas suas fileiras quadrantes políticos e organizações de carácter bastante diverso para atingir um fim comum - uma globalização alternativa. Integrado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre (FSM), também em Portugal este movimento está já a atingir uma elevada expressão, com a possível criação de um Fórum Social Português (FSP) a tomar forma.

O porquê de uma organização deste teor parece simples aos olhos dos seus participantes: “defender um mundo melhor” e exigir uma globalização alternativa, de forma a integrar Portugal na rede subsidiária dos princípios defendidos na carta de princípios saída de Porto Alegre. Apesar da heterogenia que caracteriza este movimento, que integra organizações tão divergentes como o Bloco de Esquerda, a Confederação de Associações de Defesa do Ambiente, a Animar ou o SOS Prisão, as bases parecem estar desde já bem delimitadas: luta contra o neo-liberalismo e a favor de uma globalização relacionada com valores sociais.

Fórum português

No primeiro congresso de pre-



O movimento anti-globalização: não apenas protestos mas também propostas

paração para a realização do FSP, no passado dia 30, estiveram presentes cerca de 60 organizações portuguesas no auditório da Universidade Lusófona, em Lisboa. No entanto, as reuniões preparatórias foram menos concorridas, com apenas cerca de 20 organizações a participarem na ordem de trabalhos. No fim, a intenção que ficou deste primeiro congresso foi a de debater as “questões de relevância mais global e outras mais específicas da sociedade portuguesa”. Para já, os principais objectivos estão relacionados com a criação de uma rede de informação sobre o FSM, a sensibilização

das organizações não-governamentais para o debate a decorrer na Europa no próximo mês de Novembro (ver caixa) e, por fim, com a organização de um fórum português que debata as repercussões que a globalização tem no caso específico português. Entre as principais temáticas a debater estão assim a educação, a liberdade de orientação sexual, a guerra e o racismo.

Boaventura Sousa Santos, docente na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e sociólogo, é um dos principais impulsionadores deste fórum. Este investigador, claramente conotado

com a defesa dos ideais de uma globalização alternativa, responsável pela dinamização de vários debates sobre esta temática e um dos grandes protagonistas do último FSM, é sem dúvida uma das figuras-chave do movimento anti-globalização português. Em declarações à Lusa, Boaventura Sousa Santos considera que o debate acerca destas temáticas “é mais necessário quanto maior é a viragem à direita, responsável pelo fortalecimento do racismo e da xenofobia”, nomeadamente na Europa. Por outro lado, este sociólogo considera que é necessário manter o espírito de Porto Alegre, com ca-

O que é o Fórum Social Europeu?

O Fórum Social Europeu é um evento integrado no movimento mundial de contestação à globalização. A decorrer de 7 a 10 de Novembro deste ano em Florença, em Itália, os principais eixos de discussão deste fórum são o liberalismo, a guerra e os direitos sociais, temáticas que têm vindo a dominar a agenda no seio da Europa. Entre anti-capitalistas, ambientalistas, sindicalistas, socialistas e muitos outros, este conjunto de debates vai unir milhares de pessoas que se opõem às actuais políticas da União Europeia já no próximo Outono, numa tentativa de propor alternativas às directivas de Bruxelas.

A ideia de constituição de fóruns sociais regionais nasceu em Porto Alegre, no Fórum Social

Mundial (FSM), em Fevereiro, e baseia-se nos princípios que saíram dessa cimeira. Assim, surgem como parte integrante do processo de construção e mundialização do FSM, segundo uma fórmula muito semelhante à de Porto Alegre. Desta forma, “são espaços abertos de encontros para o debate democrático de ideias, formulação de propostas e troca livre de experiências de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem à globalização neo-liberal”, como explicam os organizadores do último FSM. Estruturam-se segundo uma lógica macro-regional, com o pressuposto final de aproximar os diversos movimentos e entidades sociais regionais do FSM e vice-versa. Desta forma, estão já pla-

neados os Fóruns Sociais Europeu, Asiático e Pan-amazônico.

Marcado pela ascensão da extrema-direita um pouco por toda a Europa nos últimos processos eleitorais, o Fórum Social Europeu surge assim como um concretizar das célebres manifestações anti-globalização que tomaram lugar em Barcelona, Génova e, mais recentemente, em Sevilha. Em cima da mesa estará não só a relação da Europa com o mundo, mas também a discussão da divisão dos recursos naturais, o meditar acerca da democracia e soberania europeia e ainda possíveis alternativas económicas ao panorama actual. Por fim, também o papel do “velho continente” nos conflitos internacionais fará parte da ordem de trabalhos.

da organização a possuir poder de veto sobre as decisões finais. Por fim, outra das suas preocupações é o papel futuro que as organizações políticas poderão ter nesta estrutura, deturpando os seus valores em função de interesses próprios. Para já, defende que o movimento se desenvolva sem a participação directa de partidos, a quem deverá caber apenas um papel de observador. Isto apesar da sua reconhecida conotação com o Bloco de Esquerda, um dos partidos políticos portugueses com maior destaque na luta anti-globalização.

Partidos políticos

Um dos principais pontos de discussão relativos ao FSP é exactamente a integração de estruturas partidárias nesta plataforma. Um dos grandes receios é o de manipulação deste movimento em favor de ideais político-eleitoralistas. Para já, é ainda um tema em debate, com muitas propostas.

Se algumas associações cívicas consideram que, tendo em conta a realidade portuguesa, será sempre difícil afastar esta plataforma do raio de acção dos partidos, já Albano Nunes, responsável pelas Relações Internacionais do PCP, refere à Lusa que “como o próprio nome Fórum indica este é um espaço de debate e a ideia de o institucionalizar está posta de lado”, embora acrescente que “não fazia sentido que os partidos que combatem a globalização fossem arredados” da discussão. Também o Bloco de Esquerda (BE) defende a informalidade deste fórum, onde todos têm o dever de participar, em pé de igualdade. Mesmo a alegada aliança de esquerda entre PCP e BE é rejeitada por esta força parlamentar, que considera que o que está em jogo são causas comuns: luta contra o neo-liberalismo, o anti-militarismo, o racismo, a xenofobia.

Ainda assim, parece certo que a diversidade de organizações presentes nas reuniões preparatórias do FSP, deste os comunistas ao Fórum Português de Associações de Gays e Lésbicas, passando pela Federação de Colectividades de Cultura e Recreio, implique que não se pretenda, pelo menos para já, institucionalizar o fórum. No entanto, para já, face ao futuro da globalização em Portugal, a incógnita fica no ar, com o FSP ainda longe de ser uma realidade.

Ficha Técnica

Director: Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Emanuel Graça **Paginação:** Pedro Correia, Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Helder Dantas, Maria João Lopes **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Aida Lima, Ana Laura, Anselmo Câmara, Carolina Ferreira, Cecília Santos, Cláudia Rodrigues, Cristina Rodrigues, Daniel Belo Mendes, Daniela Pereira, Fátima Rachinhas, Gabriela Domingues, Gonçalo Duarte, Gustavo Sampaio, Helena Marques, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Cortesão, João Pedro Marques, João Pereira, João Vaz, Jonas Batista, Jorge Nande, José Carlos Santos, Liliana Guimarães, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Márcia Oliveira, Marco Carvalho, Mário Guerreiro, Nuno Curado, Nuno Dias, Diogo Serras, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Rui Caniço, Sara Martins, Sónia Nunes, Sílvia Matos, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vítor Rodrigues Oliveira **Colaboradores:** Ana Dias, António Gil Leitão, Bruno Ferreira, Carina Valério, Eduardo Brito, Flávia Diniz, João Vasco, Kossaqui, Sílvia Madeira, Sofia Carvalho, Vânia Correia, Vera Santos **Fotografia:** Pedro Correia, Hugo Rascão, Jorge Nande **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/916399082/239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Índia e Paquistão continuam a disputar uma terra de ninguém Timor-Leste: luta e glória de um povo martirizado

Caxemira: um foco de tensão

Um pequeno território no continente asiático é há mais de meio século palco de confrontações religiosas, étnicas e políticas. Com o agudizar das hostilidades, paira a ameaça de uma guerra nuclear num conflito sem solução à vista.

João Pereira
João Vasco

Jamu e Caxemira é uma zona montanhosa localizada na cordilheira dos Himalaias. Os seus 222 mil quilómetros quadrados encontram-se actualmente divididos entre os três estados com que faz fronteira: a Índia, detentora de quase metade do território, o Paquistão, que controla cerca de 78 mil quilómetros quadrados, e a China, que possui sob a sua alçada uma parcela de 43 mil quilómetros quadrados anexada à força em 1959.

A região de Jamu e Caxemira surgiu aquando da desintegração do Império Britânico. Constitui, desde então, um ponto de atrito, tendo originado disputas diplomáticas, conflitos e guerras.

O Império Britânico impôs, durante cerca de quatro séculos, a sua presença no continente asiático. A partir de meados do século XX, o descontentamento da população e as inúmeras revoltas civis contra o domínio colonial, obrigaram a coroa inglesa a abdicar das suas pretensões coloniais. A 15 de Agosto de 1947 é concedida a independência à Índia britânica. Surgem, assim, o estado indiano, cuja população era predominantemente hindu, e o Paquistão, de carácter maioritariamente muçulmano. Com a independência são reavivadas antigas rivalidades religiosas, até então controladas pelas



Líderes dos dois países procuram acordo autoridades inglesas.

A região de Caxemira, de maioria muçulmana, encontrava-se compreendida entre os dois estados recém-formados e constituía uma problemática questão que os ingleses não haviam conseguido resolver. O marajá Hari Singh, soberano de Caxemira, hesitava entre integrar-se num dos países vizinhos ou tornar-se independente.

Terra de ninguém

Após o abandono da tutela britânica sobre a região, o Paquistão começa a fornecer bens essenciais ao estado de Caxemira, cujo estatuto permanecia ainda indefinido. Simultaneamente, diversas tribos armadas paquistanesas penetram em solo caxemir. O marajá, sentindo o seu território ameaçado, aceita a integração no estado in-

diano em troca de auxílio militar.

Em Outubro de 1947, tropas indianas entram em Caxemira com o intuito de forçar a retirada das forças paquistanesas. Eclode a primeira guerra entre a Índia e o Paquistão. O conflito dura até Janeiro de 1949, altura em que a intervenção das Organizações das Nações Unidas (ONU) põe fim às hostilidades. É estabelecida uma "Linha de Controlo" que dividia a região de Jamu e Caxemira: a zona Norte ficaria sob o controlo paquistanês, enquanto a zona Sul passaria a estar sob jurisdição indiana.

A década de cinquenta constituiu um período de tensão, que seria marcado pela anexação da região de Aksai Chin ao território chinês.

Em 1965 tem início o segundo conflito armado indo-paquistanês, que viria a terminar três me-

ses mais tarde, graças a um novo cessar-fogo conseguido pela ONU. Segue-se-lhe um período menos hostil, marcado pela restauração da Linha de Controlo.

No início da década seguinte, o Paquistão viu-se a braços com uma guerra-civil. Um grupo nacionalista, que pretendia a independência da zona Leste do país, inicia um movimento separatista com o apoio indiano. A 3 de Dezembro de 1971, a Índia declara oficialmente guerra ao Paquistão. Foi o início do terceiro conflito armado de grandes proporções, que acabaria duas semanas mais tarde, com o nascimento do estado do Bangladesh.

Ameaça nuclear

Na década de setenta o conflito entre a Índia e o Paquistão assume novas proporções: o receio

de uma guerra nuclear instaura-se na comunidade internacional.

Já em 1968, ambos os países haviam sido internacionalmente considerados potências nucleares, mas recusaram-se a assinar o tratado de não-proliferação que visava restringir a produção de engenhos nucleares. Seria, contudo, apenas em 1974 que a Índia realizaria os primeiros testes nucleares. Foi o início de um processo que viria a culminar na situação de grande tensão política e militar que se verifica desde Maio de 1998, após ambos os países terem realizado, num curto espaço de tempo, uma série de ensaios nucleares subterrâneos.

Em 1999 a situação agravou-se, quando rebeldes apoiados pelo Paquistão tentaram conquistar partes da Caxemira. No final de 2001, atentados contra o parlamento de Jamu e Caxemira e contra o parlamento federal indiano levaram a Índia a acusar o governo paquistanês de apoiar acções terroristas. Ocorre um recrudescimento das hostilidades e ambos os países procederam a uma militarização da sua fronteira comum. Surge o espectro de uma nova guerra.

Nos últimos meses, o conflito tem merecido especial atenção por parte da comunidade internacional. A escalada do terrorismo reforçou uma situação já instável e Washington tem realizado esforços no sentido de evitar um possível confronto, donde resultariam consequências incalculáveis no caso de os beligerantes recorrerem ao arsenal nuclear.

Com o levantamento efectuado nos últimos dias das sanções indianas ao espaço aéreo paquistanês, verificou-se um desanuviamento nas relações entre Islamabad e Nova Deli. Contudo, parece ser ainda longo o caminho a percorrer em direcção a uma paz duradoura.

Cronologia

15 de Agosto de 1947 - Independência e divisão da Índia Britânica. Formação da Índia, do Paquistão e de Jamu e Caxemira.

24 de Outubro de 1947 - Ataque surpresa de tribos Pastun ao território de Jamu e Caxemira.

27 de Outubro de 1947 - O marajá de Jamu e Caxemira, Hari Singh, assina com a Índia um acordo de adesão ao território indiano em troca de apoio militar. Eclode a primeira guerra indo-paquistanesa.

30 de Janeiro de 1948 - Ghandi é assassinado por um extremista hindu.

Janeiro de 1949 - Cessar-fogo entre a Índia e o Paquistão mediado pela ONU. É estabelecida uma "Linha de Controlo" que divide Jamu e Caxemira em duas partes: a zona norte, controlada pelo Paquistão, e a zona Sul pela Índia.

1953 - A parcela indiana de Jamu e Caxemira expressa o desejo de se tornar parte integrante da Índia.

1959 - A China invade Jamu e Caxemira, ocupando o território de Aksai Chin.

1962 - Cessar fogo entre a China e Jamu e Caxemira.

1965 - Novo ataque surpresa de forças paquistanesas com a intenção de ocupar a parte indiana de Jamu e Caxemira dá origem à segunda guerra indo-paquistanesa. Um novo cessar-fogo viria a ser assinado três meses depois.

1969 - O primeiro-ministro indiano, Lal Bahadur Shastri, e o presidente paquistanês Ayub Khan, assinam um tratado de paz mediado pela União Soviética. A "Linha de Controlo" é restabelecida.

3 de Dezembro de 1971 - A Índia declara oficialmente guerra ao Paquistão, apoiando as forças separatistas do Leste paquistanês que pretendiam a independência.

17 de Dezembro de 1971 - O Leste do Paquistão torna-se o estado independente do Bangladesh.

2 de Julho 1972 - Acordo de Simla entre Nova Dehli e Islamabad estelece um cessar-fogo.

1974 - Índia inicia testes nucleares.

1990 - Separatistas islâmicos apoiados pelo Paquistão iniciam uma luta armada contra a parte indiana de Jamu e Caxemira.

Março de 1998 - Vitória eleitoral do partido hindu indiano.

Maio de 1998 - O Paquistão e a Índia efectuem testes nucleares.

1999 - Rebeldes apoiados pelo Paquistão conquistam partes da Caxemira.

1 de Outubro de 2001 - Atentado suicida contra o parlamento de Jamu e Caxemira. Nova Deli acusa Islamabad de apoiar acções terroristas.

13 de Dezembro de 2001 - Ataque ao parlamento federal indiano em Nova Deli.



Maio de 2002 - O Paquistão realiza ensaios nucleares durante três dias.

10 de Junho de 2002 - O governo de Nova Deli anuncia o levantamento imediato das sanções aéreas impostas ao Paquistão seis meses antes.

Futebol: uma máquina sem fronteiras

O mundo cabe numa bola de futebol

O futebol, inicialmente, era perspectivado como uma actividade de lazer inerente ao estilo de vida das elites. Todavia, num curto espaço de tempo, transformou-se num negócio de vulto, massificado, cujas repercussões se fizeram sentir a nível político, económico e social, concentrando, no seu seio, interesses, paixões e conflitos.

Maria João Lopes
Paula Velho
Sara Martins

O futebol, iniciado em Inglaterra, nos finais do século XIX, rapidamente saltou das bancadas particulares para os relvados colectivos. O mundo acolheu-o, alimentou-o e elevou-o à categoria de “desporto-rei”. Mas, este fenómeno de “globalização da bola” não é inocente e corporativo. É, pelo contrário, palco de canalização de conflitos e confronto de ideologias e partidarismos. Assiste-se, assim, por um lado, a atletas que se esforçam “por amor à camisola” e, por outro, a espectadores que descarregam tensões acumuladas, frustrações e insegurança sobre árbitros, adversários e autoridades policiais.

Se o futebol é o desporto rei, o seu trono é sem dúvida o Campeonato do Mundo. Quem é que ainda não ouviu falar de nomes como Giuseppe Mazza, a alma do mundial de 1934; Planicka que em 1938 defendeu a baliza checoslovaca com o braço partido; Maradona, “El Pibe”; Pelé, o mágico número 10; sem esquecer o “nosso” querido Eusébio, entre muitos e muitos outros. Verdadeiras estrelas que encontraram nos relvados do mundial a sua projecção, o seu reconhecimento à escala planetária.

Festa de proporções mundiais, para muitos o Campeonato do Mundo peca por apenas se realizar de quatro em quatro anos. Os relvados do mundial são encarados como verdadeiros coliseus, onde as nações representadas pelos seus melhores “gladiadores” disputam o título de “melhor do Mundo”.

Tudo começou no Uruguai em 1930, onde se associou a organização da primeira Taça das Nações (mais tarde Campeonato do Mundo de Futebol) à comemoração do primeiro Centenário da Independência Uruguia. Era a festa da liberdade e do futebol. Neste ano, o Uruguai, bi-campeão olímpico, sagrou-se campeão do mundo, e em Montevideu é decretado feriado nacional.

A festa da bola só volta a repetir-se quatro anos depois, em ple-



Partido Nacional Renovador rejeita ser a extrema-direita portuguesa

“O futebol é o desporto mais apaixonante do mundo, o meio mais seguro de fazer diplomacia, a maneira mais eficiente de levar a paz a todos os povos”

Jules Rimet, presidente da FIFA em 1921

“O futebol é o reflexo, em termos globais, das desigualdades da nossa sociedade”

Joana Ribeiro, socióloga

na Itália fascista. Para Mussolini era uma questão de honra vencer o mundial e, para tal, modificou a regras, de modo a permitir que todos os jogadores de ascendência italiana (por muito remota que fosse) pudessem jogar, o que fez com que a equipa italiana saísse

fortemente reforçada. “La squadra azzurra”, que durante a era ditatorial viu as suas camisolas tingidas de negro, cor típica do fascismo, sagrou-se campeã mundial, com quatro jogadores argentinos e um brasileiro. O estádio cantava a uma só voz o slogan

fascista “Forza Itália!”. E desta forma, Mussolini mostrava ao mundo o seu poder, e a força da nação que comandava. No fim do campeonato, o seleccionador italiano afirmou que foi um triunfo difícil, especialmente derrotar a Espanha, “tivemos de ser homens

Futebol na primeira pessoa

Pedro Miguel Roma, 31 anos, jogador da Académica, em entrevista ao jornal A CABRA, explicou a sua paixão pelo futebol. Segundo este atleta, “o bichinho” pela bola surgiu naturalmente, com os colegas na escola. Aos quinze anos ingressa na Académica, e aí começa a sua carreira como futebolista profissional. Na sua opinião, o “futebol é um desporto planetário”, “algo de que toda a gente gosta”. É das “modalidades mais queridas, mais apetecíveis”. É algo que passa de geração em geração: “Todas as pessoas têm o seu clube, os seus ídolos, e vão criando hábitos que

despertam essa paixão”. Numa palavra, define futebol como “espectáculo”. Considera-se um privilegiado por poder estar ligado a uma modalidade que gosta, e ainda ser remunerado por tal.

Para Pedro Roma já lá vai o tempo em que este jogo era exclusivamente masculino, “hoje já se vêem muitas caras bonitas não só nos estádios, mas também na prática deste desporto, a pouco e pouco as coisas começam a caminhar para uma certa igualdade, o que é bom”.

Refere que a imagem do futebol português tem vindo a ser constantemente enegrecida, facto

que piorou devido à má prestação da selecção nacional no mundial. “O futebol deve ser uma modalidade onde deve imperar o espectáculo, a harmonia, as pessoas devem divertir-se a ver um jogo de futebol, contudo todos estes valores estão a ser ultrapassados”.

“Os bons artistas têm que ser pagos”, é assim que este jogador justifica os ordenados no mundo do futebol: “Fala-se muito do que os jogadores ganham, e por vezes a qualidade não é assim tão boa”, mas argumenta dizendo que tal facto deve-se, talvez, à grande mediatização deste universo.

de têmpera especial, fortes e confiantes, como só o fascismo pode dar”.

Em 1938 o mundo assistia ao início do que seria a mais sangenta guerra, até aos nossos dias. Contudo, tal facto não foi razão para a não realização do maior espectáculo de futebol. À Alemanha, que já havia invadido a Áustria, coube a abertura do Campeonato, desta vez em França. Contando com jogadores austríacos no seu plantel, apresentou-se em campo como a favorita ao triunfo, contudo, o futebol é uma verdadeira caixinha de surpresas, e os germânicos acabaram por sair derrotados logo na primeira partida contra a Suíça. Eliminados na primeira fase, os meninos de Hitler regressaram a casa com a moral muito em baixo.

A final foi disputada pela Hungria e pela Itália. Os espectadores que assistiam ao desafio torciam efusivamente pela Hungria, tudo por questões políticas.

O futebol era um fenómeno de massas, a melhor forma de propaganda e os dirigentes políticos sabiam-no. Ainda o sabem...

Uma perspectiva sociológica

Desporto-rei, arte do povo, muitas são as formas de apelidar este fenómeno que tem na sua essência um carácter terapêutico. Uma ida ao estádio é, para muitos, um alívio de tensões, uma força para ajudar a superar os pesos da vida. Para quem não gosta de futebol é difícil compreender a sua grandeza, mas é fácil constata-la. Para tal, basta observar o que se passa em redor. O país pára para ver um jogo importante, as pessoas, desde os mais novos aos mais velhos, não falam de outra coisa senão no golo de Jardel, na defesa de Ricardo ou no campeonato que está quase no “papo”. Durante toda uma época, os apaixonados (que não são poucos) calendarizam, organizam a sua vida em função de um campeonato que sonham ganhar.

Para melhor tentar compreender este fenómeno, A CABRA foi falar com Joana Ribeiro, licenciada em sociologia, que conjuga as actividades de investigação e docência na Universidade Internacional na Figueira da Foz. Para esta socióloga, o futebol constitui-se como um fenómeno de massas, na medida em que permite uma interacção passiva, no jogo, da parte de todos aqueles que assistem, o que leva à criação de laços emotivos: “A participação na vitória da nossa equipa pode transformar-se num fenómeno de massas, pois envolve ritos, exteriorizações, sentimentos”.

Por outro lado, há uma agregação em termos colectivos, não apenas durante o jogo, como também relativa a todo o cenário que envolve o desafio. Por vezes, es-



Depois do resultado eleitoral nas presidenciais, onde poderá chegar Jean-Marie Le Pen nas legislativas?

ta agregação relega o futebol para segundo plano, ficando a forte sensação de pertença a uma equipa, “deixamos de estar lá para celebrar os golos, as vitórias e passamos a celebrar as batalhas cam-pais”.

O fanatismo apodera-se das pessoas, que encaram o adversário, a polícia, e tudo o que está perto como o inimigo. São os hooligans do futebol, “estes são um fenómeno que deturpa toda a ideia do colectivismo, de celebração associada a este desporto”. Mas, futebol é muito mais que mera violência, é um credo, uma religião. Se antigamente os deuses inspiravam os poetas, hoje vemos poetas (como Manuel Ale-

“O futebol deve ser uma modalidade onde deve imperar o espectáculo, a harmonia, as pessoas devem divertir-se a ver um jogo de futebol, contudo todos estes valores estão a ser ultrapassados.”

Pedro Roma, jogador da AAC/OAF

“Tivemos de ser homens de tempera especial, fortes e confiantes, como só o fascismo pode dar”.

Vittorio Pozzo, seleccionador italiano após a vitória do Mundial de 1934

As faces ocultas da bola

Rui Pedro Coelho, estudante de engenharia, seguiu sempre de muito perto os movimentos da bola em campo. Apesar de não se arre-pender da sua opção, sente que prejudicou a vida estudantil, o curso por causa dos jogos ao fim de semana. Acompanhou a Associação Académica no futebol tanto em Coimbra como fora da cidade e aí perdeu muito tempo: “Na segunda-feira já estava a pensar no jogo de domingo. Vivia aquilo de forma tão intensa que me esquecia dos estudos. Quando estava nas aulas falava sobre os jogos, combinava as viagens”. Fez parte da Mancha Negra primeiro, depois dos Cowboys, e nesta última claquer chegou mesmo a fazer parte dos corpos directivos. “Perdi tempo, prejudiquei o meu desempenho escolar, mas ganhei outras coisas”, relembra. Já viveu os vários lados das claques, o lado do apoio e da diversão, e o lado da violência, que Pedro também associa ao uso de drogas. O futebol encerra em si um curioso binómio: por um lado, quase respira uma espécie de poesia, próxima da dança, um culto que leva multidões ao delírio; por outro lado, serve quase de veículo de descarga emocional, ins-

trumento de alívio de tensões sociais, meio de exteriorizar momentos de exaltação interiores, sob a forma de conflitos. Que podem ser bons ou maus. De individuais passam a colectivos. De choque de energias a correntes de êxtase. Um desporto de massas. Para justificar este lado dicotómico do desporto-rei, Pedro Coelho relembra o papel dos media que considera fulcral: “Cada vez é dado mais destaque ao desporto, nos jornais, na rádio, na televisão. Depois, também é importante o facto de ser um negócio”. Acrescenta que estamos sempre a receber mensagens subliminares sobre futebol. Quer seja através da publicidade onde estão estampadas as faces dos golos, quer seja através das polémicas entre os dirigentes desportivos, o que, na opinião de Pedro Coelho, envolve muita política. Neste momento, Pedro já não está em nenhuma claquer, mas recorda com saudades esses tempos: “Conheci muitas pessoas, fiz muitos amigos, fui a muitos sítios”.

Não só no ensino superior mora o interesse desmesurado pelo futebol. Uma professora do segundo ciclo, que notou alterações no comportamento dos seus alunos durante esta época,

gre) inspirarem-se nos mestres da bola: “Há todo um ritual (o abanar das bandeiras, dos cachecoís, o cantar do hino) que se assemelha a um culto religioso”, “o facto de também o futebol possuir ritos, símbolos, contribui para o endeu-samento desta modalidade”. O marketing desenrola aqui um papel primordial.

O futebol invadiu o “agenda-setting” dos media. Tal facto contribui para “a alienação das pessoas perante aspectos importantes da sua vida. Assim, as decisões que afectam directamente o dia-a-dia das pessoas não são tão dissecadas, aprofundadas. As pessoas não conseguem ver o que é realmente importante”.

ca, conta que “iam todos vestidos com bandeiras de Portugal e cachecoís. É evidente a emoção que sentem quando ouvem o hino de Portugal”. Teve que os deixar sair mais cedo. “Não noto tanto entusiasmo, motivação, consciência da pátria e da nação quando é altura de eleições, por exemplo”. Apercebe-se que o futebol os mobiliza, que os rodopios da bola, especialmente quando provocados pela selecção portuguesa, os emocionam.

Marta Vale, professora do terceiro ciclo, desabafa que os seus alunos faltaram imenso, andaram eufóricos, a cantar o hino, com as camisololas da selecção: “Estavam insuportáveis, impossíveis de aturar”.

Os ventos da mudança fazem-se sentir noutros pontos. Nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) a rotina também se altera. Para ilustrar esta pequena parcela deste fenómeno social, uma médica dos HUC explica: “Durante os jogos mais decisivos, a afluência às urgências é mais reduzida. Quando acaba o jogo, é três vezes maior. Há uma relação directa e evidente entre o futebol e a procura dos nossos serviços”.

Era uma vez o futebol

O futebol, como quase tudo, nasceu na China, no ano de 2600 a.C., pelo “pé” de Yang-Tsé, elemento pertencente à guarda do jovem imperador Huang-ti. Deste modo, malabaristas chineses faziam a bola “dançar” com os pés, sendo os responsáveis pela organização dos primeiros jogos - considerados os ancestrais do futebol. Com efeito, de dinastia em dinastia, o costume continuou. Porém, as regras não se assemelhavam às actuais, situando-se a meta no meio do campo, os jogadores estavam privados de utilizar as mãos (tal como hoje), e deixar cair a bola no chão. Na cultura egípcia, bem como na época Greco-Latina, a bola aparece, frequentemente, representada nos monumentos simbolizando a juventude ou a arte de curar. É um dado adquirido que os nobres que se dedicavam a esta actividade, faziam-no, normalmente, em ginásios, com objectivo primordial de aperfeiçoar a estética do corpo. As crianças, por sua vez, aparecem divertidas nas ruas ou nos campos, a jogar com bexigas de boi, cobertas por uma capa de couro, a que os romanos chamavam de follis. Neste sentido, crê-se que foi pelos pés dos legionários romanos que este jogo se implantou no território inglês. No decurso da Idade Média, o gosto pelos jogos de futebol desenvolveu-se, paralelamente em França e Inglaterra, originando a primeira fase de violência. Os jogos compreendiam grandes grupos, não havia limite de jogadores, de tempo, de nada. Imperava a lei da anarquia (tudo era permitido, até o uso de mãos). Povoados inteiros jogavam contra outros povoados sob a lógica da disputa, cujo objectivo era carregar a bola até à cidade oponente (regulamentação designada por “Hurling over country”). Os “socos e pontapés” faziam parte integrante do cenário, do qual resultava, no final de cada partida, que podia demorar dias, um elevado número de vítimas. Neste contexto, marcado pela turbulência, em 1314, o rei Eduardo II declara a sua suspensão. Contudo, apesar deste panorama, não podemos esquecer que, durante muito tempo, o futebol assumiu, entre o povo inglês, um sentido essencialmente cívico, disputado apenas nos festejos anuais. Todavia, ingleses e escoceses, em dias comuns, entregavam-se ao futebol com uma violência incrível que cresce, particularmente, no século XVI. Muitos historiadores referem-se ao futebol, neste período, como um “jogo bárbaro, que só estimulava a violência, inimizade, ódio, malícia e rancor. Pernas partidas, dentes arrancados, homens atirados ao solo na fúria da luta pela bola e roupas rasgadas”. A Inglaterra era, de facto, o epicentro dos conflitos, onde centenas de homens se matavam por uma bola. A sua popularidade cresceu indefinidamente. A resposta mais plausível para este fenómeno de ascensão explosiva, é o facto de o futebol viver das paixões que desperta.

Projecto conjunto da NASA e ESA

Sondas vão estudar cometas

Estruturada para visitar e estudar pelo menos dois cometas, esta missão deverá fornecer as primeiras informações detalhadas acerca da estrutura dos cometas e responder a algumas questões relacionadas com a forma como estes corpos celestes definem a sua trajectória.

Emanuel Graça

A Agência Espacial Europeia (ESA) e a agência espacial norte-americana (NASA) vão lançar em conjunto, já a partir do próximo mês, uma série de missões com o objectivo de estudar a acção dos cometas e a sua constituição. Desta forma, para o primeiro dia de Julho está já programado o lançamento da sonda americana Contour (Comet Nucleus Tour) a partir da base espacial de Cabo Canaveral e, a 12 de Janeiro de 2003, seguirá a sonda Rosetta, numa missão com o selo da ESA. Com o objectivo de pousar num cometa, após uma trajectória entretanto já delineada, esta deverá ser a primeira sonda a ser enviada da Terra a atingir tal objectivo.

Para já, a missão da Contour, com uma duração prevista de quatro anos, inclui encontros com o cometa Encke, a 12 de Novembro do próximo ano, e com o cometa Schwassmann-Wachmann 3, no dia 19 de Junho de 2006.



Sonda americana promete revelações acerca dos cometas

No entanto, fica também em aberto a possibilidade desta sonda ainda estabelecer contacto com um terceiro cometa situado fora do sistema solar, caso venha a ser descoberto um corpo celeste com estas características e comprovado valor científico em tempo útil de vida da sonda Contour.

Este engenho da NASA tem como objectivo examinar o núcleo de cada um destes cometas, que os cientistas consideram ser constituído por um bloco maciço de gelo e rocha, usualmente com apenas poucos quilómetros de diâmetro e escondido dos telescópios terrestres devido a uma at-

mosfera poeirenta. A sonda, de formato octogonal e propulsionada a energia solar, irá voar a uma distância limite de 100 quilómetros do núcleo de cada cometa e a velocidades máximas de quase 30 quilómetros por segundo. No entanto, um escudo composto por um conjunto de cinco pesadas camadas de Nextel e Kevlar irá proteger o corpo desta aeronave espacial do pó e dos destroços provenientes dos cometas.

Esta não é a única missão da NASA para estudar estes corpos celestes largamente desconhecidos. Como explica Collen Hartman, director da Divisão de Exploração do Sistema Solar da agência espacial norte-americana, a Countour vai unir-se a outra missão já em curso da NASA, a Stardust, "que se encontra já de regresso à Terra, trazendo consigo uma amostra de um cometa". Posteriormente, no próximo ano, a sonda Deep Impact será lançada para se unir à frota de engenhos espaciais de estudo de cometas da NASA. Esta última sonda terá como propósito produzir uma cratera do tamanho de um campo de futebol num cometa, para depois recolher amostras e dados para futura análise. Ainda segundo este cientista, "estas missões vão ajudar-nos a encontrar respostas no que toca a questões fundamentais de como o nosso planeta se poderá ter formado e posteriormente evoluído, e de como a vida poderá ter começado no nosso planeta e até possível-

mente em qualquer outro sítio do universo".

Esta missão, a sexta de sempre de menores custos para os cofres da NASA, irá custar cerca de 159 milhões de dólares.

Porquê estudar cometas?

Os cometas são entendidos pela comunidade científica internacional como autênticos fósseis vivos da génese do sistema solar. "Se se quer estudar a história do início da formação do sistema solar, não vale a pena olhar para planetas como a Terra ou a Lua", como referiu à BBC Online John Davies, astrónomo do Royal Observatory, sediado em Edimburgo: "Os cometas são cápsulas do tempo em relação ao que o sistema solar era há 4,5 mil milhões de anos", explica este especialista.

Os cometas foram formados há cerca de 4,6 mil milhões de anos, aquando da origem dos planetas, e desde então preservam uma matriz de como os processos químicos e físicos se desenvolveram nesse período. Os cometas, alegadamente, poderão ter trazido alguma da água dos oceanos, dos gases da atmosfera e até algumas das moléculas que posteriormente originaram a vida numa Terra que se encontrava então em génese. No entanto, para julgar estas possibilidades é necessário um conhecimento mais profundo acerca da estrutura e composição dos cometas.

Várias espécies de insectos podem ser usadas como alimento do Homem

Uma dieta alternativa

Numa altura em que a dieta transgénica volta a estar na ordem do dia, vários estudos garantem que uma das mais ricas classes de alimentos continua a ser negligenciada pelo Homem. Da repugnância à iguaria, a diferença parece continuar a subsistir no preconceito e na dificuldade cultural em se aceitar os insectos como parte integrante da nossa alimentação.

Sérgio Alves

A entomofagia (consumo de insectos) é considerada por muitos como uma prática característica de civilizações primitivas. No entanto, e apesar de arrepiar com toda a certeza as sensibilidades de bastantes culturas, em várias regiões do globo os insectos são conhecidos como verdadeiras iguarias, sendo consumidos ora como alimento suplementar ora mesmo como "prato principal". De acor-

do com a bióloga mexicana Julietta Ramos-Elorduy, a realidade diz-nos que, das centenas de milhares de espécies de insectos já registadas, 1.417 são utilizadas como alimento.

O principal entrave à aceitação corrente desta prática poderá estar directamente relacionado com o facto de, na cultura ocidental, os insectos serem ainda vistos como animais nocivos e importantes transmissores de doenças. Para combater o preconceito contra os insectos comestíveis, diversos livros e estudos têm assumido o expediente de divulgar a sua importância como alimento, tanto para o Homem como para os animais domésticos.

Um estudo recentemente levado a cabo no California State College, nos Estados Unidos da América, no qual insectos cozidos foram oferecidos a alunos de entomologia, revelou que as pessoas são capazes de os comer, desde que apresentados de uma forma disfarçada: insectos apresentados sob uma deliciosa cobertura de chocolate, por exemplo, foram considerados bastante apetitosos pelo grupo.

As potencialidades dos insectos

Diversos estudos têm demonstrado que a "carne" dos insectos possui as mesmas substâncias que podem ser encontradas na carne de animais como vaca, porco, aves e peixe. No entanto, existe uma diferença relevante, e que acaba por ser uma das suas principais características, porventura capaz de surpreender os mais reticentes: o seu elevado valor proteico. Com efeito, um gafanhoto adulto - por exemplo - contém em média 52,13% de proteínas contra 23% na carne de frango e 20% na carne de vaca. Os insectos contêm uma grande quantidade de proteínas e lípidos e são ricos em elementos importantes como o sódio, potássio, zinco, fósforo, magnésio, ferro, cobre e cálcio, oferecendo ainda uma vasta gama de benefícios orgânicos adicionais: têm propriedades imunológicas, analgésicas, diuréticas, antibióticas, anestésicas e afrodisíacas.

Em virtude disto mesmo, assistimos hoje a um desenvolvimento da criação controlada de insectos com vista ao seu consumo. As vantagens parecem evidentes

aos olhos dos entomologistas. Por um lado, evita-se o consumo de populações naturais, particularmente sensíveis à violação do seu ecossistema. Por outro lado, a produção em cativeiro garante o fornecimento contínuo para alimentação e ração. Para alguns autores, inclusive, o cultivo de insectos comestíveis é ecologicamente menos nocivo que a criação de gado que implica a destruição de vegetação nativa.

Limites à entomofagia

Quando se discutem recursos alimentares, no geral, torna-se necessário levar em conta os seus eventuais riscos para a saúde humana. No que diz respeito aos insectos, é importante saber que muitas espécies contêm toxinas produzidas pelo seu organismo ou retiradas das suas plantas hospedeiras, tornando-as não comestíveis. Num estudo publicado em 1994, o entomólogo norte-americano Murray S. Blum discrimina as várias espécies que não devem ser consumidas. Segundo Bum, o conhecimento científico sobre os efeitos tóxicos do consumo de

produtos naturais de insectos é ainda muito escasso. De acordo com este investigador, os insectos desta natureza podem subdividir-se em dois grupos: os fanerotóxicos - aqueles, como as abelhas, que têm glândula de veneno, reservatório, canal e aparelho para injectá-lo -, cuja toxina apenas se manifesta quando existe injeção, sendo inócua no tratamento gastrointestinal, e os criptotóxicos - aqueles, como os besouros, que produzem secreções tóxicas dentro do seu organismo, não as libertando ou injectando - cuja toxina só se manifesta quando os insectos são ingeridos, o que torna estas espécies impróprias para consumo.

Independentemente deste facto, o conhecimento científico actual vai no sentido de reafirmar as enormes potencialidades do uso de insectos como alimento, em função da quantidade de proteínas, gorduras, vitaminas e sais minerais que contêm. Torta de grilos, baratas-d'água fritas ou lagartas com molho de ameixas são algumas das iguarias que podem ser experimentadas e apreciadas pelos mais afoitos. Fica a sugestão.

Ressaca do "Mundial 2002"

A queda dum anjo

O futebol, dizem os entendidos, ganha-se no meio campo. Para Portugal, ficou claro que um trinco é pouco e as tricas são sempre demais.

António Gil Leitão

A história, por vezes repete-se. A história portuguesa, essa, de tão repetitiva, chega até a chatear. Da nossa eliminação do mundial ficam as críticas e as confusões do costume, os bestiais e as bestas, os erros e o tremor de sempre.

Tudo começou com a derrota frente aos Estados Unidos. Com uma equipa de "ataque", a nossa selecção não conseguiu jogar, o técnico esperou por "sabe-se lá o quê" para reagir, e o descalabro aconteceu. Os adeptos e a crítica em geral exigiram mais um "trinco" no onze inicial. Foi a primeira vez que assisti a um pedido expresso dos treinadores de bancada para se incluir mais um trinco numa equipa de futebol. De facto, o futebol ainda vai tendo destas contradições que o tornam um enorme espectáculo. Irracional, puro, e por isso, belo.

O trinco é aquela posição ocupada pelos jogadores que tem por missão destruir o jogo adversário. Recuperar bolas, pressionar o adversário, correr, ocupar espaços, fechar as linhas de passe... Em poucas palavras e para os leigos na matéria, correr feito um mouro atrás do adversário e da bola, para depois a entregar o mais depressa possível, porque normalmente o "calcanhar de Aquiles" destes jogadores é mesmo o pé - e o facto da bola ser redonda. Claro que há excepções. Mas são estas características que fazem deles mal amados pela crítica, e na proporção inversa bem amados pelos treinadores portugueses. O Octávio, por exemplo, normalmente não dispensa três nas suas equipas. E aqui residuiu o primeiro paradoxo deste mundial, no que às cores lusas diz respeito.

Seguiu-se o jogo com a Poló-



O mundial acabou mais cedo para os tugas

nia e com ele veio de novo a euforia. Agora era preciso vencer à Coreia do Sul para nos apurarmos para os oitavos de final. Todos falaram nos dias anteriores ao jogo que a selecção ia jogar para ganhar, mas também todos falaram da enorme velocidade dos coreanos. O que vimos nesse jogo foi uma selecção nervosa, cheia de medo de um adversário que era totalmente acessível e voltámos a ver os tremeliques característicos do futebol luso. Com a selecção polaca a vencer desde muito cedo o seu jogo com os EUA, seria normal ver os "Tugas" - afinal o nome revelou-se adequado - jogar sem medo, atacar e dominar o adversário, até porque o futebol ganha-se é a marcar golos. Mas não.

E o que também vimos foi a falta de visão de quem devia estar ali para ler o jogo e evitar o descalabro. António Oliveira, claro.

Costuma-se dizer que uma equipa é o reflexo do seu treinador, e a nossa selecção foi-o. Apática, lenta a reagir, e sobretudo sem ambição.

O resto, também já se sabe. Acabou tudo à estalada. Foi o soco que "não se viu", o "vamos lá aguentar que certamente estes asiáticos não vão ter o desprante de atacar", o cumprir da velha máxima lusa "se não sabes, não mexas"; o "ora bolas que afinal eles atacam"; o "e agora? Olha, mieto o Nuno Gomes"; para terminar efectivamente em beleza, com as declarações correctas e polidas do nosso seleccionador: "salvou-se o negócio!"... Ficámos sem saber se foi o dos alhos, dos impostos, ou o da pura incompetência - de quem devia pelo menos conhecer os adversários e revelou não os conhecer.

Na bagagem, a comitiva trouxe os "souvenirs" do costume:

problemas e casos nacionais. Valha-nos ao menos uma coisa: para nós, bravos guerreiros lusitanos não há tempos mortos e o futebol discute-se mesmo de segunda a domingo, durante todo o ano. E aí, não há mesmo quem nos bata.

E por falar nisso, deixem que vos diga: se um jogador bate num árbitro deve ser punido. Mas antes, deve haver um inquérito. Depois, se assim se justificar, deve o caso ser julgado por um tribunal imparcial que aplicará a lei e salvaguardará os direitos de defesa do arguido. E é este tribunal que deverá aplicar uma pena, se assim entender.

Não são associações corporativas que têm o poder de condenar, publica e sumariamente quem quer que seja. Mas sabemos que o país que hoje é um Estado de Direito Democrático, nasceu precisamente dum filho que acabou por bater na mãe...

O futebol, segundo JVP

João Cortesão

Perdemos, é verdade!

Mas... Será que se salvou o negócio? Depois de um Mundial fértil em surpresas, podemos dizer que algum português ganhou alguma coisa com esta passagem fugaz pelas terras do Oriente? Será que o João Pinto vai voltar a jogar? O nome do país ou de algum dos jogadores saiu beneficiado desta participação? Há quem defenda que o melhor para todos é esquecer o que aconteceu, o mais depressa possível. Será melhor?

Este foi um Mundial de estreias, em que o campeão em título foi pela primeira vez afastado da competição sem ter apontado qualquer golo e em que a Coreia conseguiu ser a primeira selecção asiática a qualificar-se para as meias-finais desta competição.

Portugal também protagonizou algumas estreias, tendo conseguido a proeza de ter nas suas fileiras o primeiro jogador a agredir um árbitro numa competição deste tipo. Depois dos Descobrimentos, o protagonismo no Mundial... Claro que João Vieira Pinto, o nosso herói de serviço, se recusa a colher os "louros", numa clara manifestação de espírito de grupo. Ao lado do jogador, depressa se colocaram grandes vultos do futebol português, vozes que gritaram a uma só voz a inocência do "coitado do João, que era incapaz de uma atitude tão vil"... Tenham vergonha! Aceitem a derrota e respeitem a dor dos portugueses que viram o seu nome enxovalhado pelo "coitado" do João, que depois de uma agressão a um jogador, decidiu também agredir o árbitro, nada mais natural...

Esta discussão vai muito além das fronteiras do futebol, colocando todo um país no banco dos réus. Depois de uma saída pela porta dos fundos no último europeu, mais um motivo de vergonha para aqueles que gostam de futebol e que não vão aos estádios apenas porque os patrocinadores assim o obrigam. Resta agora conhecer o último episódio desta novela, apenas mais uma com os protagonistas do costume, os "tugas" que regressaram à pouco (chegaram a ir?) do outro lado do globo mas que prometem ainda dar muito que falar...

Neste momento resta-nos esperar pela aplicação de um castigo que se espera exemplar, a ser aplicado a um jogador que nunca o chegou a ser, tal como ficou demonstrado à bem pouco tempo.

Depois da vergonha no Oriente, apenas nos resta pensar no amanhã, para que Portugal se possa afirmar definitivamente como a potência futebolística que nunca foi.

Equipa prepara regresso à I Liga

Briosa reforçada

Numa altura em que Pedro Roma reafirma a sua vontade de permanecer em Coimbra e Vitor Paneira regressa para reclamar uma dívida de 50 mil euros, que remonta à década de 2000/2001, as contratações continuam a surgir.

Binho, jogador que actuou na Naval 1º de Maio na época passada está a um passo de assinar pela Académica, apesar de Aprígio Santos, presidente do clube da Figueira da Foz, garantir que ainda nada está decidido. Do Futebol Clube do Porto poderá vir o jo-

vem central Ricardo Costa, numa tentativa de preencher a lacuna deixada pela saída de Tonel, que deverá alinhar pelo Belenenses na próxima temporada. Por sua vez, Roberto, avançado brasileiro que representava o Moreirense, já chegou a acordo para representar a Académica nas próximas duas épocas, acordo que veio elevar o número de contratações para oito. Para o fecho do plantel a equipa técnica procura um central, um ponta de lança e um médio esquerdo, assim como mais um guarda-linha, tendo sido demonstrado

interesse em Hilário, do Futebol Clube do Porto. A equipa volta ao trabalho no próximo dia 10 de Julho, para realizar exames médicos, ficando o grupo em Coimbra durante uma semana. O plantel segue depois para estágio, que deverá realizar-se em Tábua.

Briosa na Figueira

Depois de Tábua ter sido apontada como a opção mais viável, a Figueira da Foz assume-se como o palco dos primeiros jogos da Académica na época

2002/2003, enquanto decorrerem as obras de beneficiação do Estádio Sérgio Conceição, em Taveiro, que vai acolher a Briosa devido à remodelação do Municipal de Coimbra para o Euro 2004. Em declarações à Agência Lusa, Fernando Pompeu afirmou que a escolha recaiu sobre a Figueira da Foz por «o Casino da Figueira ser o patrocinador da equipa» e devido «às boas condições apresentadas, ao apoio económico e às boas relações que o clube mantém com as várias instituições da cidade».

Sons (des)concertantes

A pouco tempo de se tornar Capital Nacional da Cultura, a cidade acolhe mais uma vez um encontro internacional de música. Artistas de toda a Europa interpretarão os mais importantes clássicos de todos os tempos. Esperam-se “jubilosos” momentos.

João Vasco
Sónia Nunes

A décima edição do Festival Internacional de Música de Coimbra, a tomar lugar entre 7 e 19 de Julho de 2002 sob o tema “Concertante! Jubilante!”, promete colocar novamente a cidade no mapa europeu da música. A organização do evento, a cargo da Câmara Municipal de Coimbra, do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e da Papagueno, com Paulo Enes da Silveira, director desta produtora musical, como responsável pela direcção artística do festival, decidiu este ano apostar numa fórmula de continuidade, sem no entanto descurar a inovação. Para além de contar com vários concertos de orquestras e agrupamentos, um Master Classe de Piano sob a direcção do pianista russo Vladimir Viardo aguça ainda mais o apetite para um evento que já conta com longa tradição na cidade.

Assim, a artistas que já participaram em anteriores edições deste certame juntam-se agora novos nomes que prometem doze dias de “jubilante” música. Logo a abrir o festival, Pascal Contet, acordeonista francês de regresso à cidade, apresenta um espectáculo conjunto com o grupo popular português de concertinas “Danças Ocultas”. Chamando invenção às fronteiras artísticas, juntam a criação musical com uma originalidade teatralizada, num espectáculo com múltiplas facetas. De regresso estão também os cânticos da Idade Média (e de hoje), que voltam a Coimbra pela voz feminina do grupo francês “Mora Vocis”, que apresenta a obra “A Amante - Passeio vocal sobre um caminho de fragâncias”. Monique Avril, Hélène Decarpignies, Lisa Deluxe, Els Janssens e Annie Parris, despertam olhos e ouvidos para a expressão do canto da tradição oral. No uni-



Anne Kaasa, pianista que encerra o festival juntamente com a Orquestra Gulbenkian

verso da música, é a singularidade vocal do passado e do presente num espaço poético inspirado nos manuscritos que as distingue. As asas da voz falam com a memória, dão ao presente um perfume medieval, proporcionando uma viagem pelos anais da história.

Apresentando-se na qualidade de solista no Festival Internacional de Crémone, Pierre Hommage, músico exímio na fala com o violino, também compartilha a sua paixão pela música nos palcos coimbricenses. Num diálogo melódico, junta-se ao pianista Daniel Alberti, um talento excecional na nova geração de intérpretes. Desta união, nasce um evento especial, com três concertos num só dia, interpretando a integral das Sonatas para Violino e Piano de Beethoven.

No espectáculo de encerramento, a estreia absoluta do Concerto n.º 2 para piano e orquestra de Philippe Fénelon, apresentada pela Orquestra Gulbenkian e pela pianista Anne Kaasa, com a colaboração do maestro espanhol José Ramón Encinar, promete fechar com chave de ouro estas duas semanas de música. O compositor francês, Philippe Fénelon, actual-

mente a escrever uma nova ópera encomendada do Capitólio de Toulouse dará provas da sua fecunda cultura musical e literária. Anne Kaasa, mostrará os seus talentos de solista internacional e o maestro Encinar revelará o rigor musical que empenha na direcção da Orquestra da Comunidade. As palmas e o encanto pelo divino musical serão uma certeza neste genuíno encontro a três.

Para além da Gulbenkian, outras duas orquestras irão proporcionar quatro concertos de forte impacto musical - a Filarmonia das Beiras e a Orquestra Filarmónica da Moldávia.

Quanto aos locais, os espectáculos tomam forma nos palcos do Teatro Paulo Quintela, Museu Nacional Machado Castro e TAGV, passando ainda pelos claustros da Igreja da Sé Nova.

Novidades e surpresas

Pela primeira vez no festival, Darko Brlek, clarinetista esloveno, sobe a palco no dia 14 para interpretar o Concerto para clarinete e orquestra de Mozart. Na mesma noite, o TAGV recebe ainda Chopin e o seu Concerto n.º 2 para pia-

no e orquestra, tudo pela mão do pianista italiano Sandro de Palma, considerado recentemente pela revista italiana Piano Time “um dos mais importantes e originais expoentes do piano italiano pela sua forma especial de tratamento do som e pela sua profundidade e visão de interpretação”. Um dos momentos mais aguardados é aquele que reunirá em palco a pianista russa Anya Grokhovsky e a jovem revelação do violino norueguês Henning Kraggerud, que já actuou com nomes da música clássica mundial como Leif Ove Andsnes, Martha Argerich, Renaud Capucon, Havard Gimse, Helge Kjekshus, Stephen Kovacevich, Truls Mork, Kathryn Stott and Pieter Wispelwey.

Em relação à participação portuguesa, António Rosado estreia-se na Lusa Atenas com um recital de piano, interpretando peças de Moussorgski, músico nacionalista russo do século XIX, considerando por muitos um dos mais originais e influentes compositores do seu tempo. Outro dos lusitanos a entrar em cena, o grupo “Concertus Antiquus”, sobe ao palco no segundo dia para interpretar “Jubila(n)te- Música sacra jubilosa”,

um espectáculo que evoca as festas litúrgicas cristãs da Idade Média, passando pelo exotismo dos vilancicos “guineos” do séc. XVII, até à luminosidade exaltante da música de Haendel. Por último, o Khora Ensemble, uma formação portuguesa de câmara congratular-nos com as “Quatro Estações” de Piazzolla, obra homónima de Vivaldi.

Pedro e o Piano

Este ano, a festa da música reserva-nos ainda uma surpresa especial com a apresentação de “Pedro e o Lobo” de Prokofiev. Esta obra, vocacionada para aos mais novos apresenta-se em Coimbra de uma forma original, bi-polarizada entre música e voz. Ao sabor da narração do maestro António Vitorino d’Almeida e sob a batuta de Cesário Costa, que dirige a Orquestra Filarmonia das Beiras, Pedro “caça” assim o Lobo no TAGV, no próximo dia 11. Na primeira parte, Andreia Marques e Anabela Malarranha dão-nos a conhecer através da flauta e da harpa um concerto de Mozart.

Já uma presença habitual neste certame, a Master Classe de Piano decorre simultaneamente com o festival, podendo os participantes serem ou não executantes. Este ano, após o êxito das anteriores edições, a orientação desta formação está a cargo de Vladimir Viardo. Considerado um extraordinário pedagogo, a criatividade, inspiração, experiência e entusiasmo únicos deste artista apresentam-se assim como uma grande mais-valia para os interessados em desenvolver novas abordagens ao piano, numa oportunidade singular no encontro com a música. As aulas serão dadas em inglês, na Casa-Museu Bissaya Barreto e o programa a propor será livre. Além das lições, os participantes terão algumas horas de estudo diário ao piano. A selecção dos candidatos será feita tendo em conta o seu currículo e uma possível audição. Os executantes escolhidos poderão posteriormente mostrar a sua sensibilidade musical num recital de alunos da Master Classe, incluído no programa deste evento, no penúltimo dia do festival, realçando assim a vertente polissémica e bilateral que caracteriza o Festival Internacional de Música de Coimbra. Faça-se então música!



***Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis**

***Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster**

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio - 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

**8 euros nas
revelações de 24
fotografias + oferta
de rolo e álbum**

Um exercício de cidadania

As vozes da Cultura

Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 começa em 2002. Os parceiros institucionais apresentaram os seus projectos à cidade em debate público.

Liliana Guimarães

A CABRA assistiu no passado dia 17 ao primeiro debate público sobre Coimbra, Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC). Esta iniciativa realiza-se em 2003, embora as suas actividades comecem já em Outubro deste ano, sob o tema "Cultura, Ciência e Cidadania". Esta antecipação deve-se ao facto da CCNC querer associar-se aos 500 anos da primeira representação vicentina e do nascimento de Pedro Nunes. O Teatro Académico Gil Vicente encheu-se com um público activo que mostrou a sua desconfiança em relação ao projecto e levantou várias críticas, acerca do Teatro Sousa Bastos, de grupos folclóricos, do acesso à cultura dos cidadãos deficientes e acerca da chamada "cultura popular".

Transformar o panorama cultural do país é o objectivo primordial das Capitais Nacionais da Cultura. A primeira cidade escolhida foi Coimbra "graças à sua relevância e centralidade ao nível nacional e internacional" nesse sentido, Vital Moreira espera que com a vinda a Coimbra do Ministro da Cultura e do Ensino Superior, Pedro Roseta haja uma forte aposta no projecto para que este não se torne "paróquial". O constitucionalista afirma que "a cidade não está motivada e ainda não se apercebeu da dimensão deste projecto". Declarou ainda que a CCNC aguarda a resposta ao pedido que remeteu ao Governo no sentido de obter verbas no próximo orçamento de Estado, não não clarificou o valor das mesmas.

Novas estruturas

Existem alguns planos prioritários, como a criação de um centro de artes, a recuperação e valorização do Convento de S. Francisco. Será criado, nos edifícios do Colégio de Jesus e do Laboratório Químico um equipamento que se integra na renovação do pólo histórico da Universidade de Coimbra, criando reservas de oficina e restauro acabando por fundar um pó-



Contagem decrescente para o início de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003

lo nacional de difusão das ciências aberto à sociedade. Dedicado às crianças e jovens será construído o Pavilhão Cidade de Coimbra, uma expansão e modernização do Portugal dos Pequenitos.

No debate de apresentação, à excepção da Fundação Bissaya Barreto, todos os parceiros se fizeram representar, nomeadamente Abílio Hernandez Cardoso, presidente da CCNC, Carlos Encarnação, presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Fernando Seabra Santos em representação da Universidade de Coimbra e João Vasco Ribeiro da Comissão de Coordenação da Região Centro. A moderação do debate ficou a cargo de Vital Moreira, representante dos organizadores do do Conselho da Cidade. Tais entidades esperam que estes 15 meses sejam um momento privilegiado de articulação de iniciativas e investimentos da responsabilidade dos diversos departamentos ministeriais, dos parceiros institucionais, bem como de

outros agentes públicos e privados que a eles se queiram associar.

No final da prolongada apresentação foi a vez do público intervir. As maiores críticas surgiram acerca da forma como a organização da CCNC tem funcionado, algumas associações queixaram-se de terem sido deixadas de fora do projecto e acusaram a organização de excluir a "cultura popular". Ao que Hernandez Cardoso respondeu que esta organização não exclui nada nem ninguém: cabe às associações apresentarem projectos e a cultura popular será consagrada no primeiro trimestre com uma mostra de artesanato.

Projectos em 2002

A CCNC começa em 2002 com 11 projectos ambiciosos.

De Outubro de 2002 a Junho de 2003 decorrerá o projecto "Vicente" que pretende divulgar o corpus vicentino como material teatral. Constam deste programa

uma mostra de peças vicentinas, um colóquio; uma oficina sobre encenação, dramaturgia e cenografia do teatro vicentino; o início de uma acção com os clubes de teatro das escolas secundárias que terminará como uma mostra de teatro escolar; dois concursos, um de ficção escrita e outro de trechos ensaísticos e mais iniciativas só para 2003.

"Percursos", também em Outubro, é o nome do projecto concebido para o público jovem. "La Syncope du 7" espectáculo de circo contemporâneo pelo Colectif AOC pretende criar uma rede de franca circulação de actividades e pessoas que viabilize a troca de programas entra Coimbra, Évora, Lisboa e Viçeu. Este é um projecto que nos fala de contemporaneidade, das ligações entre as artes e a sociedade e de concepções de mundos artísticos até agora desconhecidos aos olhos do público mais jovens.

Outubro será ainda o mês de "75 anos de Presença". Palestras,

debates e espectáculos para celebrar uma revista e um movimento de Coimbra que marcaram relevantemente a história cultural e o divir ideológico do século XX português.

"Meio Século de Revistas Literárias de Coimbra" em Novembro, uma edição facsimilada dos mais importantes periódicos da vida cultural portuguesa na primeira metade do século XX que surgiram na cidade de Coimbra.

Também em Novembro o projecto "Pedro Nunes em Coimbra" com uma conferência internacional, uma exposição, palestras e concertos de Miguel Azguime visam comemorar os 500 anos do seu nascimento, distinto professor desta Universidade, "cosmógrafo-mor do reino" e o maior matemático português de todos os tempos.

Para finalizar Novembro: "Variações em 'I'" uma exposição dos diversos centros de investigação da Universidade de Coimbra dando a conhecer à cidade aspectos da investigação produzida no âmbito daqueles centros.

"Escrituras" consistirão em 12 mesas-redondas visam sugerir que a relação entre a escrita criativa e a escrita crítica funciona em dois sentidos: o escritor é já uma figura crítica e o crítico mantém com a escrita uma relação criativa. "Escrita Feminina: sim ou não?" será a primeira destas mesas, no início de Dezembro.

Foi ainda anunciado, neste debate que em Dezembro será lançada a primeira Antologia Crítica de Poesia Portuguesa do Século XX: "Século de Ouro". Aquando deste lançamento realizar-se-á ainda um debate subordinado ao tema "Um Século de Ouro da Poesia Portuguesa?".

De Dezembro a Fevereiro decorrerão quatro exposições de "Escultura de Coimbra; do Gótico ao Maneirismo".

A segunda semana de Dezembro será a "Semana dos 7 Ofícios", uma mostra organizada pelo Centro de Formação Profissional do Artesanato, para que se transmita a herança cultural às novas gerações.

A última iniciativa de 2002 serão os "Encontros de Fotografia - Coimbra Anos 90". Grandes painéis espalhados pela cidade desenvolvendo actividades editoriais serão a aposta desta iniciativa na arte pública e na animação urbana.



outras operações

teatroanónimo

Camaleão no palco do TAGV

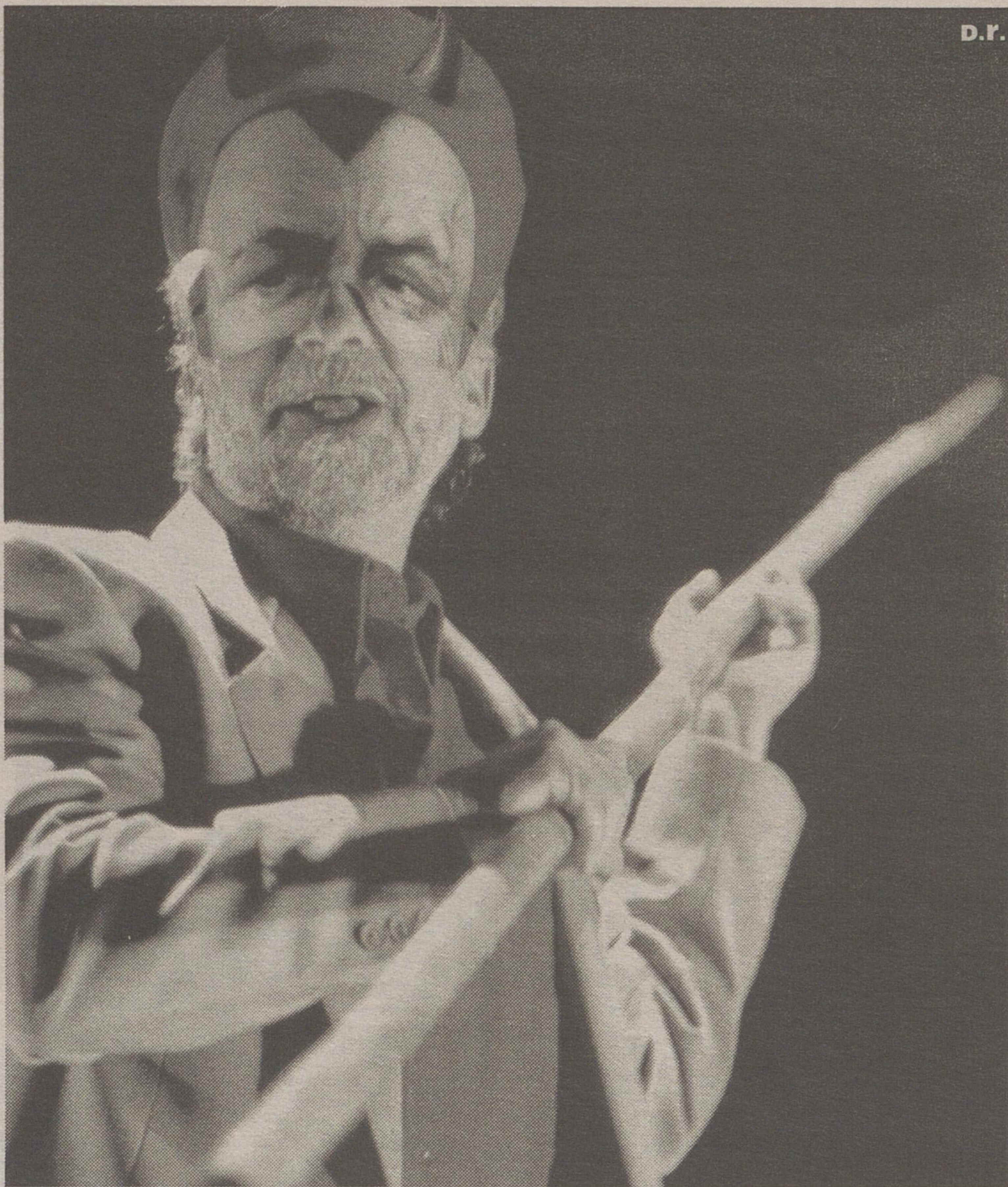
Três dias de poesia, teatro e música

A companhia artística Camaleão traz a Coimbra no início do próximo mês um conjunto de três peças. Mitos clássicos, monólogos e música juntam-se assim numa troika para os sentidos.

Maria João Lopes

O palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) vai acolher nos dias 1, 2 e 3 de Julho um conjunto de eventos culturais que abrangem a poesia, o teatro e a música. É pela voz e representação da companhia Camaleão que, durante estes três dias, estas diferentes formas de arte se unem.

O primeiro espectáculo, "Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea", divide-se em cinco partes, independentes entre si. Tendo como base o mito, estes cinco fragmentos dizem respeito a Apolo, Ulisses, Labirinto e Minotauro, Orfeu e Dionisos. Cada um destes mitos é devidamente identificado no início de cada performance através do uso de uma voz off. Esta estratégia representativa tem dois motivos quase orientadores do espectáculo, imprimindo-lhe alguma coerência. Desta forma, o espectador mais desatento não perderá o fio condutor do discurso, já que a apresentação dos mitos individualmente visa informar e delimitar o espaço e tempo concedi-



Dionisos, uma figura mítica que povoa a poesia clássica

do a cada figura mitológica em palco. Nas palavras da companhia Camaleão, "queremos um espectáculo divertido e arrepiante, que traga de novo e sempre ao público o prazer do contacto com alguns dos nossos maiores poetas, e que, por fim, o alicie para partir à descoberta desse território eterno e tão profundamente humano que são os mitos". O espectáculo que dura noventa minutos, tem a encenação e dramaturgia a cargo de José Geraldo e

conta com a interpretação de Alexandra Silva, Helena Faria e Victor Torres.

No dia 2, é a vez do teatro tentar superar os palcos do TAGV. Em cena estará "Ridiculum Vitae", novamente a cargo da companhia Camaleão. Mais uma vez, e à semelhança do dia anterior, também se utiliza uma estrutura repartida em diferentes actos. Através de cinco monólogos, um diálogo e um poema, as actrizes sofrem uma transformação, apre-

sentando divergências entre si enquanto personagens, mas também pontos de união. É esta dicotomia consenso e afastamento humano que, juntamente com a extrema autenticidade e frontalidade que caracteriza as relações entre estas mulheres, confere uma certa carga ridícula e quase emocionante à peça e, consequentemente à vida que lá é representada. Esta galeria de personagens femininas está perdida, em conflito com o mundo, procurando entender o seu papel no seio de uma sociedade tão imprevisível quanto dolorosa. Contudo, são mulheres sedentas de vida, enérgicas, emotivas, sinceras e únicas. São, segundo esta companhia, "virgens, actrizes porno, loiras que afinal são ruivas, ciganas, vendedoras de Tasta-Cola, velhas coscuvilheiras, escritoras, leitoras, que desfilam ao longo de cerca de uma hora perante o espectador".

O formato invulgar da peça funciona como factor surpresa para um público jovem e adulto. Os diferentes números, isolados, mas com uma linha lógica subjacente, acabam por exigir um desempenho redobrado por parte das actrizes, já que são as suas palavras que se assumem como fulcro essencial de toda a exposição teatral. A classificação desta peça é um pouco ambígua, já que é, ao mesmo tempo, séria e divertida, interactiva, mas reservando também espaço para a meditação sobre os seus vectores semânticos principais. O responsável pela

encenação, dramaturgia e espaço cénico é, tal como no dia anterior, José Geraldo. As intérpretes são Helena Faria e Alexandra Silva.

O dia 3 abre espaço à música. O espectáculo, "Kurt Weill - a história de Marie Galante", junta ao tema "Marie Galante", escrita por Kurt Weill, outras músicas deste compositor conhecido também por ter composto para Bertolt Brecht. De acordo a companhia Camaleão, "todos os diálogos, que no espectáculo são ditos em francês, são citações, mais ou menos famosas, do autor da peça, Jacques Deval, o libretista de Marie Galante. À música de Kurt Weill juntam-se as letras de Jacques Deval, Roger Fernay, Bertolt Brecht, Elisabeth Hauptmann, Ira Gershwin e Maurice Magre. A responsabilidade pela concepção e encenação do espectáculo mantém-se igual à dos dois dias anteriores, só que desta vez José Geraldo também interpreta, na companhia de Joaquina Ly e Jorge Ly.

Os três eventos estão marcados para as 21h45 e o preço dos bilhetes para estudante é de cinco euros, menos três do que para não-estudante. Existe ainda a possibilidade de um bilhete geral, que engloba os três dias, e custa 10 euros para estudantes, quinze para não-estudantes. Um acontecimento que, apesar de tripartido, representa a oportunidade de re-visitar obras e temáticas sempre actuais e em formatos artísticos distintos.

Novo cineclube propõe alternativas culturais em Coimbra

"Fila K" em cartaz

Há cerca de um mês, renasceu em Coimbra mais um reduto da sétima arte. Pela mão da "Fila K Cineclube", o cineclubismo volta a aliciar o público de Coimbra para novas cinematografias.

Helder Dantas

Em conversa com A CABRA, alguns membros da direcção descreveram que papel este novo cineclube pretende desempenhar no panorama cultural da cidade. Deste modo, Daniela Vaz, Rosa Balreiro e Paulo Granja traçaram o rumo pelo qual este projecto se vai orientar, através da "bússola" da qualidade. Para já, aguçaram o apetite cinéfilo coimbricense, nos passados dias 19, 20 e 25 de Junho, com um ciclo itinerante, pensada para celebrar os "Dez Anos de Curtas Metragens em Vila do Conde". A Lusa Atenas vê reavivada a cinefilia, depois da grande pujança que o cineclubismo teve na cidade nos anos 50 e 60.

Para os responsáveis da "Fila K", colmatar a falta de um cineclube aberto a toda a população tornou-se importante numa cidade com poucas salas de cinema, ainda para mais, limitadas aos filmes de âmbito mais comercial. Por altura da assinatura do protocolo com o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e nas palavras do seu presidente de Direcção, Paulo Fonseca, o cineclube pretende levar a cabo iniciativas de "natureza multifacetada e ecléctica", de modo a criar um "espaço em aberto", onde a oferta diversificada a nível do cinema possa ter voz.

Para Daniela Vaz, o cineclube é uma forma de "sensibilizar o público" para novas cinematografias - numa tentativa de lutar contra a uniformização da oferta cultural - e uma maneira de "desvendar o desconhecido". Na senda desta ideia, Rosa Balreira acredita que, em Coimbra, há público para cinematografias alternativas e que vale a pena apresentar novos valores nacionais e internacionais.

Incluída nesta promoção de cinema, este cineclube promete

também mostras de ciclos temáticos, retrospectivas de determinados cineastas, bem como a promoção de "workshops" e acções de formação nesta área. A diversificação das apostas é, pois, um dos seus objectivos a longo prazo.

Ambição cinéfila

Outra vertente das suas iniciativas é o de divulgação junto das instituições escolares, porque explorar o cinema também pode ser um "veículo de aprendizagem", como referem os responsáveis. Paulo Granja acrescenta, mesmo, que o cineclube terá também uma veia pedagógica, incumbindo-se de despertar nos jovens um "olhar mais crítico". portanto uma questão de "alargar horizontes". Assim, temos este novo cineclube como um ágora do cinema, onde se podem "alargar os horizontes".

Projectos ambiciosos não faltam à "Fila K" e não é de espantar que a sua primeira iniciativa tenha sido a exibição de um conjunto de obras emblemáticas da história do cinema, entre os quais se contam "Un Chien Andalou" de Luís Buñuel e Salvador Dalí

ou "L'École des Facteurs" de Jacques Tati.

Desta associação podemos esperar mais propostas para o mês de Julho. Assim, no dia 13 de Julho onde vão apresentar os vencedores da competição internacional do Festival de Curtas Metragens de Vila do Conde. No dia 22 do mesmo mês, a tela do TAGV exhibe os premiados da competição nacional do mesmo festival e, finalmente, no dia 24, a "Fila K" propõe algo mais original. Com a celebração de uma década deste festival nortenho, os organizadores pediram dois realizadores estrangeiros e dois nacionais que fizessem uma obra subordinada ao tema "10". Assim, teremos "Beacon" de Mathias Mueller e Christoph Girardet, bem como "Dieci Minuti alla Fine" de Daniele Cipri e Franco Maresco a preencherem a "quota" dos estrangeiros, enquanto que os nacionais se fazem representar por "Kalkitos" de Miguel Gomes e "O Duplo" de Sandro Aguilar.

Novos projectos

Os responsáveis da "Fila K"

encontram-se "abertos ao diálogo com outros organismos na cidade" e pretendem acompanhar os seus interesses. Como está previsto no protocolo firmado com o TAGV, é possível trazer a Coimbra extensões de outros festivais nacionais ou internacionais, como por exemplo o Fantasporto ou o Cinanima.

Neste sentido, já remeteram à direcção da Capital Nacional da Cultura 2003 o projecto intitulado o Animatógrafo de Coimbra, que conta com o apoio da Cinemateca Nacional. Este consiste na exibição de dois ciclos, um subordinado ao Cinema Mudo Português e o outro a abordar o Cinema Documental sobre a História de Portugal.

Para já, a "Fila K" está a funcionar sem apoios financeiros concretos, mas pretendem solicitar apoios junto das instituições que apoiam o cinema e a cultura em geral. De qualquer forma, já contam com numerosos sócios que querem participar no projecto. Para quem quiser tornar-se sócio deste cineclube, basta pedir a ficha de inscrição através do e-mail: fila_kapa@hotmail.com.

Increpación Danza sobe ao palco do TAGV

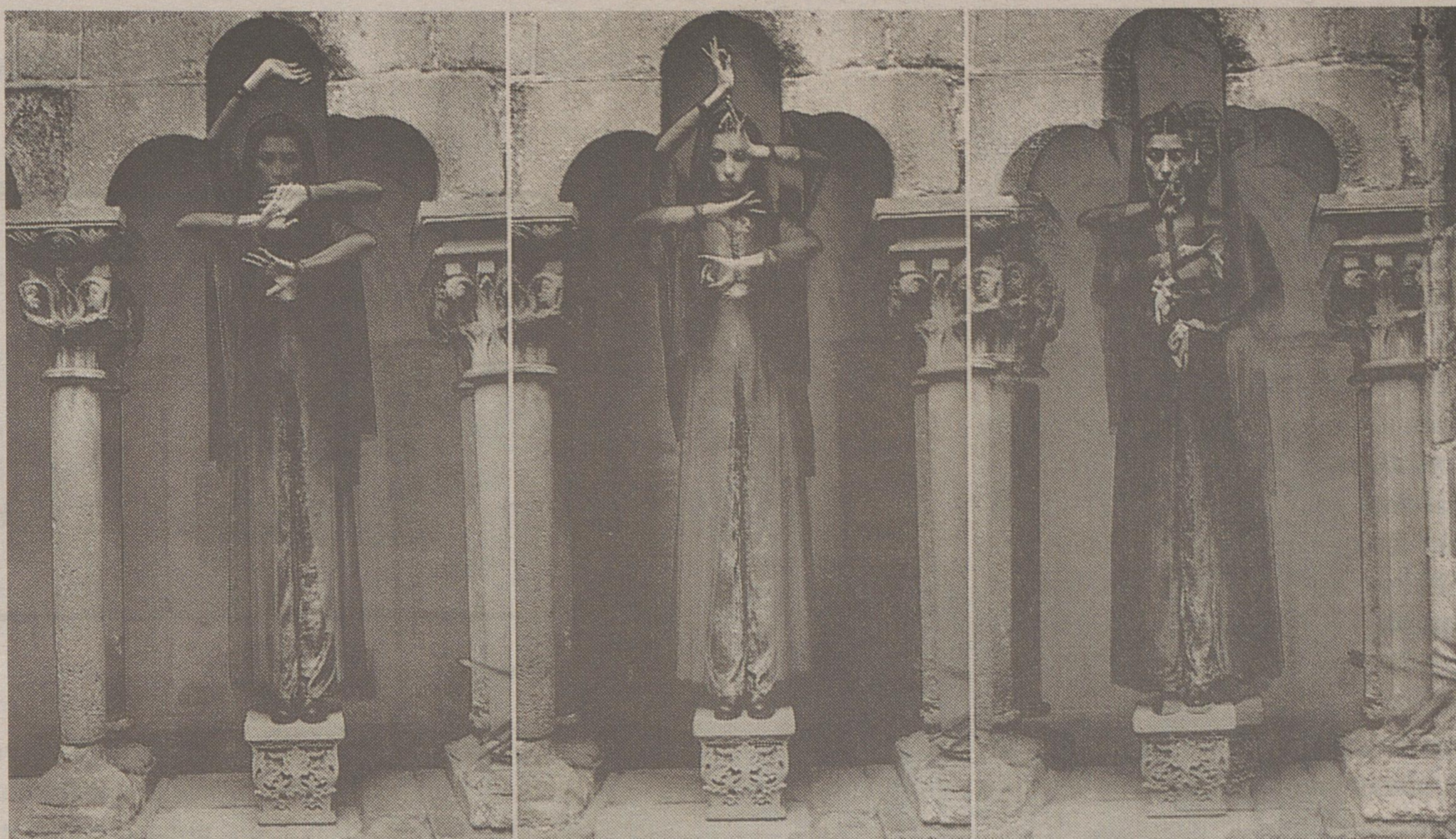
Flamenco reinventado

Integrado nas festas da cidade de Coimbra, “d.C. (annus Domini)” marca o fim das X Jornadas de Cultura Popular. Levado ao palco pelo Grupo Increpación Danza, pretende ser o reinventar do flamenco, incidindo numa diferente abordagem temática e estrutural.

Aida Lima
Sara Martins

O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia da Coimbra (GEFAC) apresenta, no próximo dia 4 de Julho, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), um espectáculo de flamenco contemporâneo. Este evento, inscrito nas X Jornadas de Cultura Popular, será protagonizado pelo Grupo Increpación Danza que leva a palco uma produção intitulada “d.C. (annus Domini)”.

Hermínia Farias, membro da comissão das jornadas, em conversa com A CABRA, sublinhou que a escolha do flamenco não foi arbitrária, uma vez que se trata de uma dança tradicional espanhola



Flamenco contemporâneo em Coimbra no palco do TAGV pelas mãos do GEFAC

e “o GEFAC tenta sempre alargar o programa das jornadas de forma a abranger outras culturas”. Acrescenta ainda a particularidade deste grupo que retrata o flamenco numa perspectiva moderna, “não sendo o enquadramento puro, mas com intervenções da dança contemporânea”.

Acreditando na qualidade do espectáculo, segundo uma linha orientadora principal de reproduzir e intervir ao mesmo tempo na

expressão popular, o GEFAC escolheu uma representação que pudesse encerrar de uma forma mais apelativa as jornadas porque, como refere Hermínia Farias, “os espectáculos são sempre aquilo que vai para o exterior, a que o público adere com mais facilidade”.

Confiante nos resultados positivos registados até agora, a comissão organizadora espera que estes se mantenham, uma vez que

este tipo de espectáculo não tem representatividade significativa na cidade, o que permite uma maior adesão do público.

“d.C. (annus Domini)” estará em palco às 21h.30 do dia 4 de Julho e o preço varia entre dez euros (estudante) e treze euros (não estudante).

As raízes de Increpación

O Grupo Increpación Danza

nasceu em 1993 e desde então trabalha com as mesmas bailarinas do Instituto de Teatro de Barcelona, cinco mulheres que, juntas, têm evoluído artisticamente (Marina Escoda, Noelia García, Montse Sánchez, Raquel Ureña, Vanessa Domínguez). Este projecto surgiu da vontade de investigar no mundo da dança espanhola e no flamenco, assim como do intuito de aliar estas técnicas aos parâmetros estéticos da dança contemporânea actual.

“d.C. (annus Domini)”, estreada em Dezembro de 1999, é a sua quarta produção, em que é recreado num espaço singular o ambiente reiterativo, marcado pela musicalidade própria de um grupo em oração. Trata-se de uma espécie de dança cerimonial, enfatizada por uma dramaturgia característica dos coros.

Montse Sánchez e Ramón Baeza assumem a coreografia e direcção do espectáculo. Feliu Gasull é o responsável pela música do evento, contando ainda com duas músicas de Joan Domínguez e Juan Sebastián Bach.

Inovador na forma de retratar o flamenco, Increpación Danza promete um espectáculo recheado de lirismo e expressão singulares.

RUC traz Mark Kozelek ao Le Son

Kozelek em Coimbra

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) traz ao Le Son o líder dos Red House Painters, Mark Kozelek, para um concerto no dia 29 de Junho.

Mário Guerreiro

A RUC assegura a primeira passagem por Coimbra em concerto de Mark Kozelek, vocalista e guitarrista dos Red House Painters (RHP). O concerto terá lugar no café-concerto Le Son, no dia 29 de Junho. A Lusã Atenas, juntamente com o Porto são as duas únicas cidades a receber a visita do músico.

Quem reparou na programação do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) para o mês de Maio notou que agendado para o dia 23 estava uma actuação de Mark Kozelek, com os Raindogs a fazerem a primeira parte. De acordo com Hugo Ferreira, presidente da RUC, a vinda de Mark Kozelek a Coimbra já tinha sido fortemente equacionada, mas os custos inerentes aos prémios dos Raindogs e de outros convidados especiais, causou o seu abandono. De acordo com Hugo Ferreira, tal ficou a dever-se ao elevado custo do espectáculo, que implicaria “bilhetes a três mil escudos, sendo tal completamente descabido para cobrir os gastos com o TAGV cheio”. Contudo, a “ideia de trazer Mark Kozelek não foi abandonada e voltou a falar-se num concerto para o final de Junho”. Contudo, a “intimidade evocada pela guitarra e voz de Mark Kozelek”, como afirma Hugo Ferreira, requere um “momento mais íntimo que não pode ser englobado no tal cariz de festa ue tínhamos pensado antes”. Foi nes-



Kozelek sobe ao palco do Le Son sa óptica, continua o presidente da RUC, “que surgiu o Le Son”. O facto de só a RUC e o bar do Porto, “o meu Mercedes é maior que o teu”, estarem interessados em apresentar Mark Kozelek em concerto”, fez com que a data escolhida (um fim-de-semana) seja a ideal. Já que não haverá nenhum concerto em Lisboa, “o que facilita a vinda aos que não estão na cidade e querem assistir ao concerto”. Esta ideia tem sido atestada pelos telefonemas para a RUC de pessoas que não estudam ou vivem em Coimbra a pedir informações sobre o concerto. O facto de os estudantes “passarem agora muitos dos seus fins-de-semana em Coimbra, devido aos exames”, foi igualmente preponderante na escolha da data.

Em relação ao concerto em si, Hugo Ferreira revela que “as expectativas são as de sempre: criar um momento único e não ter prejuízo, imprimindo sempre o selo de qualidade da RUC”, e adianta que “é um sonho de há algum tempo trazer a Coimbra um dos melhores singers/songwriters” da actualidade. No que diz respeito ao alinhamento do concerto, Ferreira alerta para o facto de “um concerto de Mark Kozelek ser imprevisível”, sendo as únicas certezas a presença de Kozelek sozinho em palco, sem banda de apoio, num concerto em que os pontos quentes serão, com certeza, os álbuns a solo do artista, e talvez “alguns temas irreconhecíveis dos Red House Painters”, docemente apresentadas entre versões de temas dos AC/DC e John Denver (que figuram nos seus dois álbuns a solo).

“Paleta” intimista

Mark Kozelek é para muitos uma das mentes mais criativas do panorama musical actual, com créditos firmados quer nos Red House Painters, quer a solo. Pegando na herança de figuras da folk como Hank Williams Jr., Woody Guthrie, Bob Dylan ou de um Neil Young, os Red House Painters acrescentaram-lhe a sua muito própria melancolia criando uma sonoridade tão intimista quanto bela, abandonado assim a típica temática folk a sair de Greenwich Village para criar aquilo a que se os críticos convencionaram chamar de neo-folk. O som único da banda de S. Francisco foi sendo construído ao longo da sua profícua produção discográfica, em que figuram álbuns tão marcantes como o criticamente aclamado “Songs for a Blue Guitar” (1996), ou o seu mais recente registo “Old

Ramon” (2001), que após várias complicações acabaria por ser lançado pela editora fetiche de Seattle, a SubPop Records. Se o trabalho dos RHP balança entre a envolvente melancolia de um romantismo folk predominantemente acústico, mas também com alguns laivos de electricidade controlada, a solo Mark Kozelek presenteia-nos com o seu sadcore em versões dos AC/DC era Bon Scott, e alguns temas de Jonh Denver envoltos num manto de sinceridade folk/rock simplesmente irresistível, quer em “Rock’N’Roll Singer” de 2000, quer no seguinte “What’s next to the moon”, editado em 2001.

Os dois álbuns a solo de Kozelek tiveram edição individual em território nacional e mais tarde uma edição conjunta intitulada “If you Want Blood”, exclusiva a Portugal, sendo um bom indicador da forma elogiosa como Portugal é encarado nos universos da neo-folk. Aliás, Hugo Ferreira refere que “o próprio Kozelek exigiu vir uma dia mais cedo para Coimbra” para apreciar “a sua mística”. Paralelamente ao seu trabalho a solo e nos RHP, Kozelek produziu ainda um álbum de tributo a John Denver, e interpretou o papel de Larry Fellows, baixista dos Stillwater, a banda que protagoniza a película “Quase Famosos” do realizador Cameron Crowe. Os bilhetes para o concerto de Mark Kozelek custam 8 euros, se comprados antecipadamente, e 10 euros no próprio dia. A primeira parte ficará a cargo dos portugueses Moss Side.

Os bilhetes para o concerto de Mark Kozelek custam 8 euros, se comprados antecipadamente, e 10 euros no próprio dia. A primeira parte ficará a cargo dos portugueses Moss Side.



OUVE-SE

artes

Impressões privadas

Rui Caniço

Será, porventura, quase incontornável referir-nos a toda a cultura do ritmo conjugado com poesia sem que, contudo, se pondere o papel do homem que faz evoluir a cadência musical. No passado recente da história da música popular a figura do Dj - aliada à produção - foi ganhando um respeito tamanho que assume agora, arrisque-se, a honra da posição fulcral de um músico.

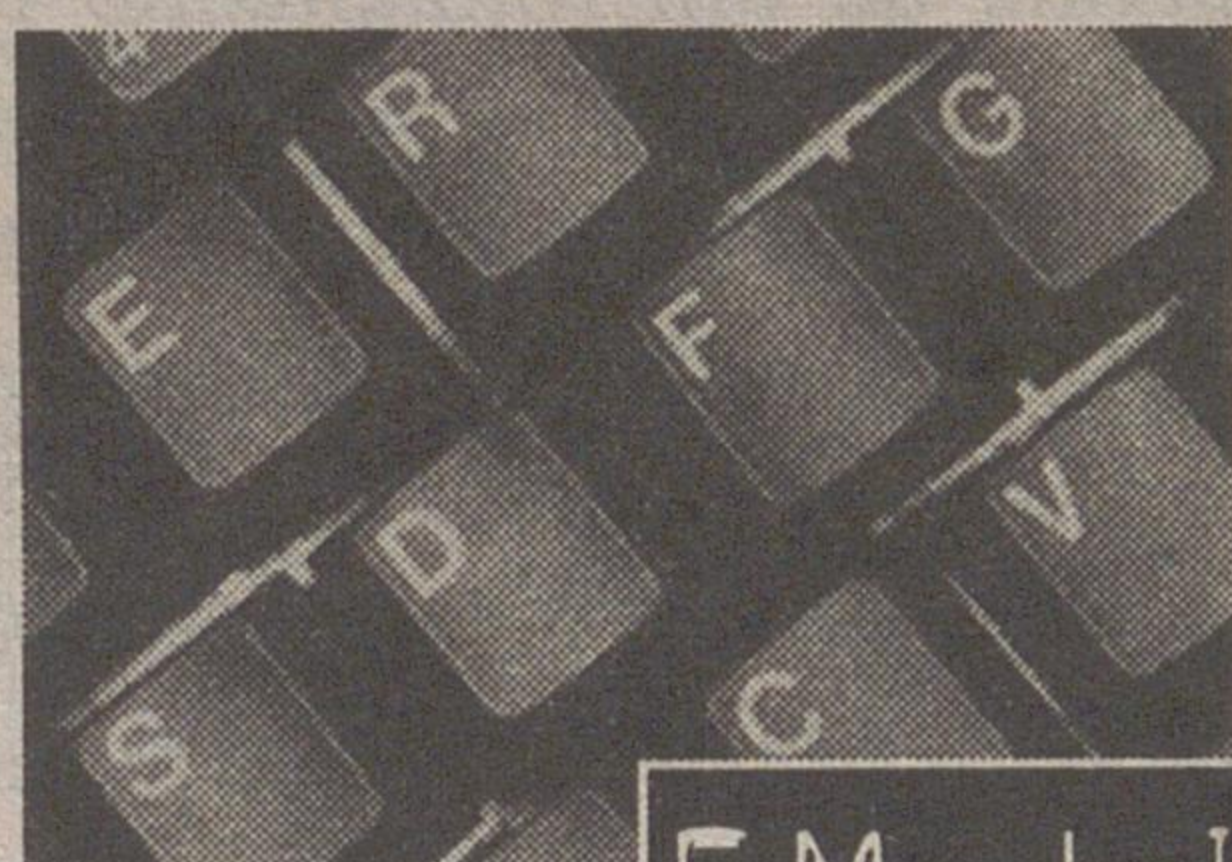
O Dj e produtor californiano Josh Davis começou aos poucos a tomar o gosto pela investigação, corte, colagem e sobreposição dos sons no seu estúdio/quarto concebendo bootlegs primários e os Ep's "In Flux/Hindsight", "Lost and found (SFL)" e "What does your soul look like" - tomados como pequenas pérolas numa altura em que o género sufocava. Veio então confirmar-se o talento de Dj Shadow após a edição em 1996 de "Introducing" (em pleno jubileu do sampler) e, mais tarde, na subjugada colaboração com James Lavelle em Psyence Fiction do projecto U.N.K.L.E..

Depois de um vazio de duas parselhas de anos em termos de edições regressa agora com "The Private Press", novamente um exercício de estilo partindo das linguagens do hip-hop instrumental. A desenvoltura dos temas parte quase inevitavelmente de um ou outro excerto recolhido laboriosamente de rodadas vinílicas esquecidas em prateleiras de lojas em segunda mão. As ideias tomam forma às custas da parafernália electrónica e, sobretudo, pelo toque do experimentalismo e da antecipação de novas técnicas de produção pelas quais Shadow sempre se preocupou. O resultado final perpetua-se num arriscado encontro lúdico entre a lentidão de faixas introspectivas onde cada elemento tem a sua fracção e respectivo silêncio e uma esquizofrenia rugosa e suja - por vezes vertiginosamente acelerada.

Uma edição, tal como o autor refere no inlay, para se descobrir o infinito de possibilidades musicais da arte de procurar, colher e grudar.

Dj Shadow

"The Private Press"
Mo'Wax, Universal (2002)



EM LINHA

Nuno Curado (curado@yahoo.com)

Interfaces do futuro

Nos filmes de ficção científica, as tecnologias do futuro são quase sempre muito fáceis de usar e estão integradas em quase todos os objectos do dia a dia. Enquanto os escritores de hollywood deixam a imaginação criar coisas virtuais existe um laboratório onde estas integrações são reais. No Lab for Computer Science (LCS) e Artificial Intelligence Laboratory (AIL) do Massachusetts Institute of Technology (MIT) os dias são passados a tornar os interfaces da tecnologia o mais simples e natural possível. O projecto é o Oxygen Alliance e envolve cerca de 200 a 300 pessoas do LCS e AIL segundo Stephen Garland, que é um dos investigadores chefes do LCS. Segundo uma citação dele ao site Infoworld (www.infoworld.com) o objetivo do projecto é "tornar mais fácil a interacção com os computadores, de uma forma mais humana e natural". Neste momento a Oxygen Alliance está a trabalhar em vários projectos entre os quais se encontram projectos para indicar com o dedo qual o destino de pastas dentro do computador, ou para co-

mandar o computador para imprimir as fotografias das férias a cores na impressora mais perto e não ter de dar mais nenhuma informação, ou um sistema de linguagem natural e multilinguista capaz de manter uma conversa, ou um quadro capaz de transformar as imagens desenhadas em plantas de projectos. Claro que muitas destas ideias nunca irão vingar no mundo real, mas todas as boas ideias saídas deste projecto são "empurradas" para empresas, algumas num futuro distante, outras já saíram. Embora este projecto seja financiado pela Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA) e empresas como a HP, Philips ou Nokia é de esperar que grande parte dos desenvolvimentos seja tornado do domínio público, claro que parte também será patenteado. Os investigadores esperam mudar a forma como interagimos com os computadores. Segundo Garland "esperamos conseguir que as pessoas possam extrair mais benefícios das tecnologias mas que notem menos a sua presença". Um pouco como a eletricidade, presente em todo o lado, mas de uma maneira que não interfere nas nossas acções.



Arto Lindsay

"Invoke"
Righteous Babe (2002)

Peculiaridades

Hugo Ferreira

Ainda recentemente encantou no Festival 10 de Junho, já produziu Caetano Veloso e Marisa Monte, colabora com os Lamb no último "What Sound", Arto Lindsay é um músico completo sem saber uma única nota de música, para além de ser considerado o mais brasileiro de todos os americanos.

Dotado de uma voz inconfundível e envolvente, Arto tem, sobretudo um ouvido e um bom gosto que o tornam num mito da música contemporânea. Dá os primeiros passos nos inacreditáveis ADN, cria a atmosfera única dos Ambitious Lovers e acaba por se estabelecer a solo numa carreira ímpar.

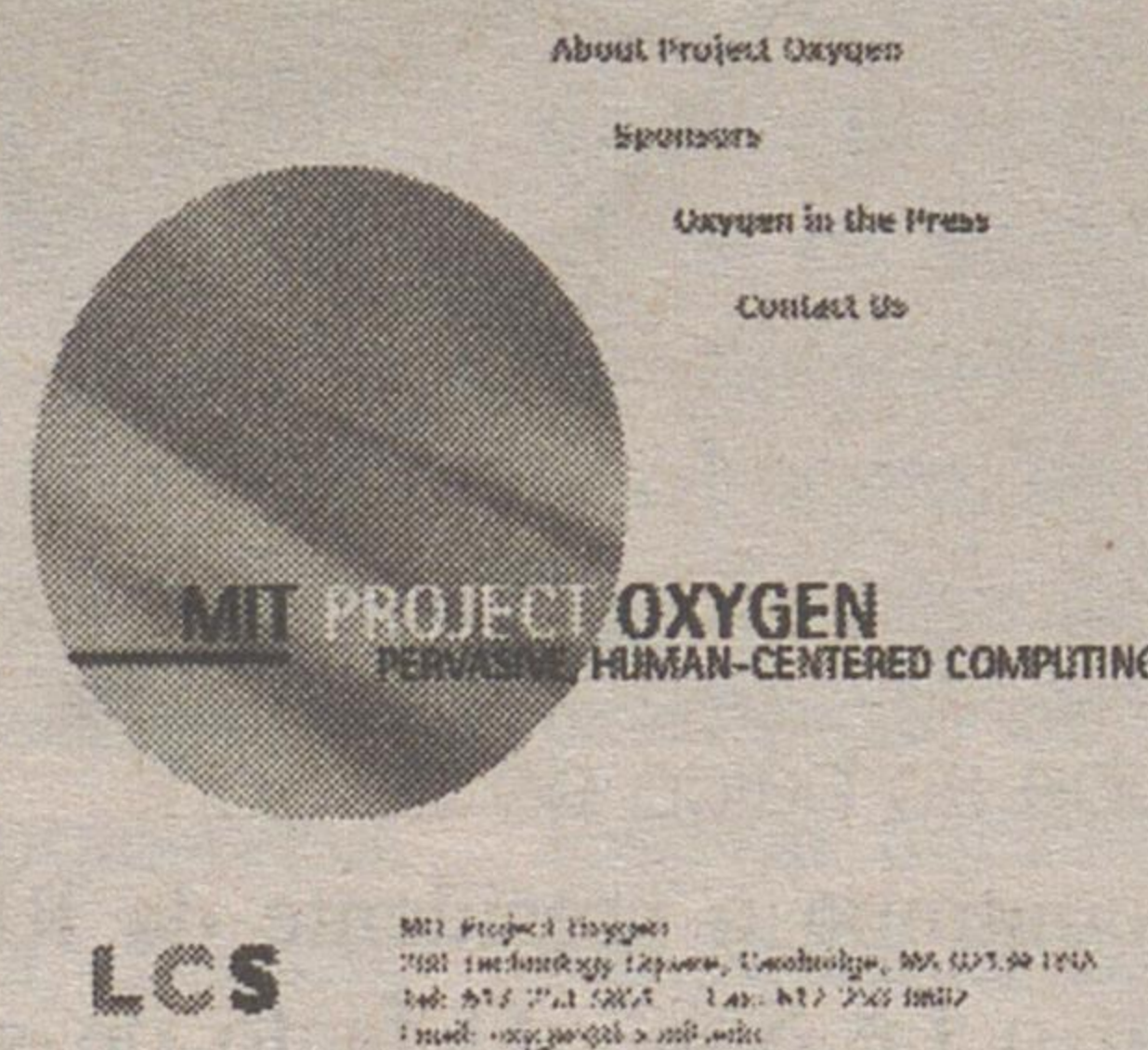
Desde pequeno viaja para o Brasil e é assolado pelo rock, punk e pelo movimento da tropicália, descobre as novas tendências da música de dança e não recusa nunca a sua paixão pelo samba e pela bossa nova. Arto cria momentos de uma peculiaridade vanguardista avassaladora, ora em inglês, ora em português e sempre rodeado de ótimos músicos (Melvin Gibbs, Davi Moraes, Vinicius Canuária e o ex-Ambitious Lovers Andres Levin são apenas alguns exemplos).

Torna-se extremamente penoso tentar destacar canções num disco de génio, mas "Invoke" abre ao som melódico de uma das maiores composições que Lindsay alguma vez interpretou "Illuminated", passa pelo mar revolto de "Predigo" (em colaboração com a Nação Zumbi) e tem outro grande momento no deleite de "Delegada" (que também resulta de uma colaboração, mas com Marisa Monte).

Re-inventando o género Lindsay, quem pensa que quatro discos podem ser suficientes para estruturar o conceito, engana-se. "Invoke" é, sem dúvida, um dos filhos maiores de uma obra única.

Surpresa nos últimos tempos é também o disco viciante dos Gaiteros de Lisboa e o regresso dos Belle Chase Hotel aos temas originais com o surpreendente "O Gelo" (cantado em português), incluído na compilação "Mundial 2002 - CD Não Oficial".

Oxygen.lcs.mit.edu



Queres dominar o mundo?

Supervilões, cientistas malucos, ditadores, senhores da guerra, todos eles sempre apareceram nos filmes e séries com todos os tipos de armas, esconderijos e ajudantes. Como é que se consegue arranjar isso tudo? Simples, basta visitar o villainsupply.com, o unico site da internet que permite a compra de "super-armas", "aparelhos do dia do juízo final". Este é um site construído com bastante humor negro e muita dose de filmes onde existe alguém com o objectivo do domínio do

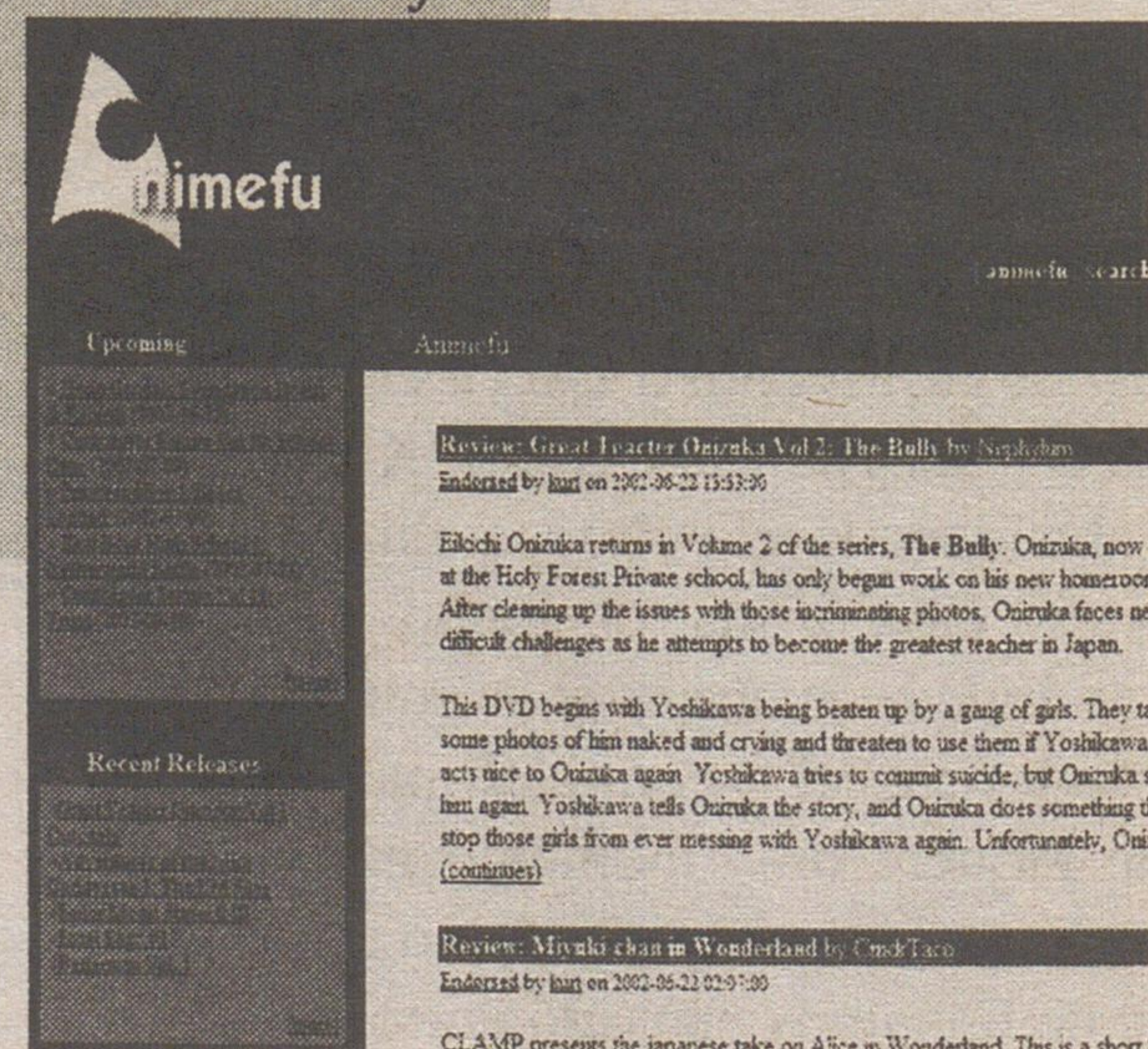
mundo. A visitar e apreciar.

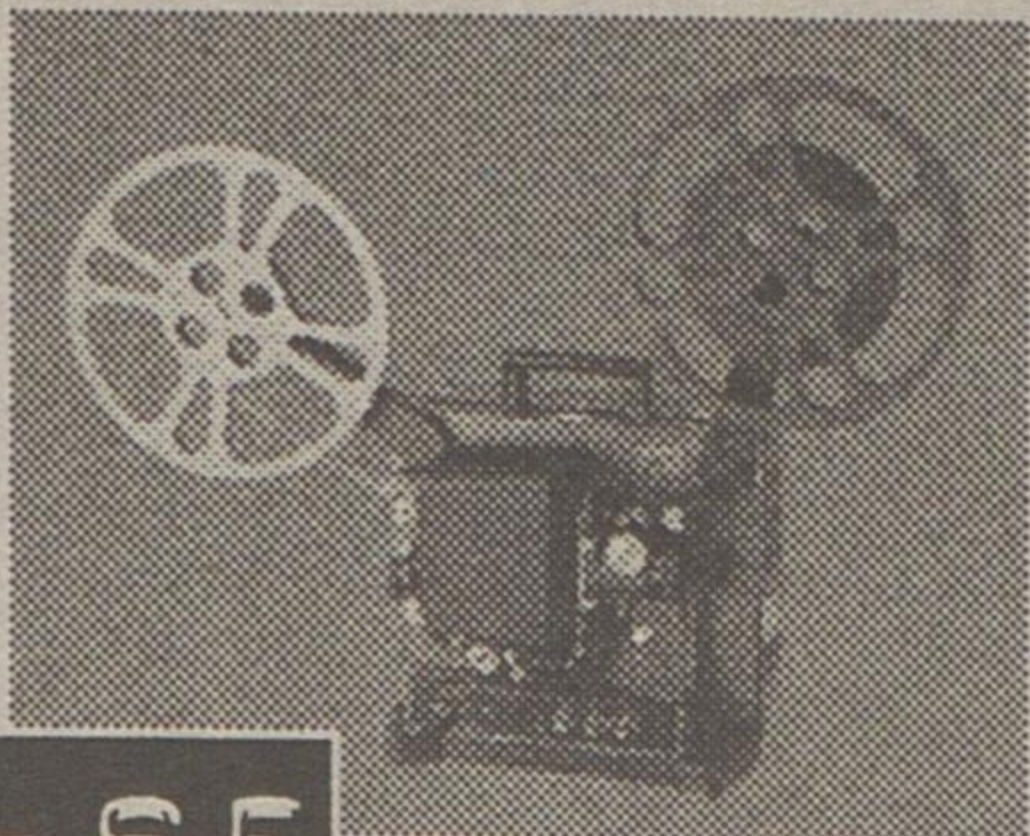
Villainsupply.com

Viciados em Anime

Para quem gosta de animação ao estilo japonês e possui um leitor de DVD multi-regiões não há melhor que estar sempre a par das ultimas novidades. Neste site consegue-se saber quais as ultimas novidades do mundo Anime, sempre com criticas de vários fãs da arte.

www.animefu.com





VE-SE

"SPIDER-MAN", De Sam Raimi

Helder Silva Dantas

De um dia para outro um jovem normal adquire super-poderes e ganha a admiração de uma rapariga que ele ama. Esta é a "fórmula mágica" patenteada pelo criador mítico do "Homem Aranha", Stan Lee. No entanto, este parece ser o sonho comum a milhões de jovens pelo mundo fora, o que explica em parte todo o sucesso que este filme tem saboreado nas telas de cinema. A empatia criada entre a personagem e os jovens ávidos de acção e romance é imediata.

Tobey Maguire parece ser uma escolha menos óbvia para desempenhar o papel de "spidey", tendo em conta as suas prestações em "The Cider House Rules" ou "Wonder Boys". Contudo, há no seu semblante um misto de inocência juvenil e ousadia aracnídea, o que joga a seu favor no jogo criado em torno da sua identidade. Mas isto não chega.

Nas palavras do protagonista, esta é "uma história sobre uma rapariga". Peter Parker é um estudante que após concluir o ensino secundário, consegue arranjar um trabalho como fotógrafo "freelancer" do jornal "Daily Bugle". Mas isto graças às fotos que consegue captar do famigerado herói da cidade: o Homem Aranha. Isto porque é o próprio. Após a picada de uma aranha geneticamente alterada (na banda desenhada, é uma aranha radioactiva), Peter Parker adquire todos os poderes de uma aranha: capacidade de escalar muros, força sobre-humana, uma agilidade delgada e um "sentido aranha" que o avisa sobre a aproximação de perigo. Sam Raimi tinha em mãos uma das personagens mais carismáticas do mundo da Marvel, com potencialidades excelentes.



Uma dos principais pechas desta adaptação à tela é mesmo a psicologia das personagens. O Homem Aranha, super herói, é misterioso na sua identidade, oculto nas

suas acções e dilacerado pelas suas novas obrigações sociais, que conflituam com a sua vida privada; O Peter Parker, jovem estudante, é gozado pelos colegas e ama, desde os seis anos, a sua vizinha ruiva do lado, Mary Jane Watson, num desempenho muito interessante de Kirsten Dunst ("Virgens Suicidas"). Jogar com estes dilemas poderia

ter sido uma forma excelente de adensar a bidimensionalidade que o Homem Aranha tem no filme. Tudo se simplificou em favor de uma história previsível, com um argumento muito irregular.

O filme consegue entreter o espectador, especialmente nas cenas com mais humor. E há cenas que recorrem a alguma criatividade cinematográfica, como por exemplo o diálogo entre Norman Osborn (interpretação forte de Willem Dafoe) e o seu alter-ego maquiavélico, Duende Verde. Mas à excepção da relação entre Peter Parker e Mary Jane, onde há uma verdadeira "química" entre os actores, o resto das relações comportam-se com artificialidade. Estas relações foram relegadas para o segundo plano para dar lugar aos efeitos especiais, sob a batuta do veterano John Dykstra (inovador responsável pelo primeiro "Star Wars"). Estranhamente e depois de todos os avanços neste campo, há momentos em que a digitalização dos ambientes é por demais evidente. Enquanto que noutras partes, os efeitos são bem camuflados.

O final deste filme deixa tudo em aberto para a sequência, que já está a ser escrita. Veremos em que pé é que fica a relação entre o Parker e Mary Jane. Veremos que vinganças planeia o filho do Duende Verde. Veremos, porventura, o surgimento de outros inimigos do Homem Aranha, como por exemplo Venom, Dr. Octopus, ou Electro. Tudo como se se tratasse de uma telenovela.



LE-SE

"FICÇÕES"

DIRECÇÃO DE LUÍSA COSTA GOMES (EDIÇÃO TINTA PERMANENTE)

Gonçalo Duarte

A ideia é simples: revalorizar o conto enquanto género literário numa revista semestral (em forma de livro, e com um grafismo bastante interessante) inteiramente preenchida pela publicação de contos, abarcando os mais diversos autores. A composição de cada volume integra clássicos da escrita de contos (como Anton Tchekhov, Henry James ou Machado de Assis, considerado o maior contista de expressão portuguesa) ao lado de nomes que com menos frequência se associam a esse género (como Agustina Bessa-Luís, cujo trabalho de contista é quase sempre esquecido). Para além disso, está disponível um endereço de correio electrónico (tintapermanente@mail.pt), para o qual os interessados podem enviar os seus próprios contos, que poderão ser seleccionados para publicação.

A ideia é simples e resulta: para além de ser uma revista oportuna, por apresentar uma selecção de contos convidativa à leitura de um género que encontra menos leitores (e, também, menos edições), propõe-se o que já é meritório - abrir caminho a novos autores, agora que a colaboração com publicações literárias é mais difícil do que há al-

gumas décadas.

Ficções foi lançada no ano de 2000, e desde então editou 5 números, mais este fora-de-série, de Julho de 2001, dedicado a contos com a temática das férias. Embora se preveja um novo fora-de-série para o mês de Julho, esta edição ainda se encontra disponível e promete ser companhia agradável para os meses de praia (ainda que qualquer edição da revista cumpra esse requisito).

A abrir, um conto de Anton Tchekhov, A senhora do cãozinho, cuja obra em conto foi lançada recentemente em dois volumes pela Relógio D'Água (já aqui a ela aludimos em edição anterior), e a que se pode sempre voltar com prazer. O português Manuel Teixeira Gomes marca presença com o conto mais aproximado à paisagem do verão português, Agosto azul. Segue-se Ernest Hemingway, com um dos seus contos mais famosos, Montes como elefantes brancos: o texto, maioritariamente dialogado, foca breves e indecisos minutos da vida de um casal numa estação.

O conto de Vladimir Nabokov, Nuvem, castelo, lago, é sem dúvida um dos melhores desta breve antologia - é a história de uma

viagem imposta a um homem tranquilo, obrigado a participar nas actividades do seu grupo de companheiros. A situação apresenta óbvia analogia com o regime totalitarista que Nabokov presenciou e com a impiedosa intromissão na esfera pessoal de cada um. De Flannery O'Connor apresenta-se um conto impressionante, Os homens bons não são fáceis de encontrar, que alia um humor desconcertante a um enredo imprevisível.

Segue-se O nadador, de John Cheever, um conto de perseverança, antes de mais dois grandes autores: Julio Cortázar e Clarice Lispector. De Cortázar, argentino cujos estranhos contos se tornaram famosos com a publicação do volume Bestiário, é dado um conto fiel ao seu estilo, A ilha ao meio-dia, entre a atracção pelo inusual e o bruto confronto com a realidade; de Lispector, também no seu estilo inconfundível, O grande passeio, um conto negro de abandono e traição, pelo qual perpassa a ternura que a autora deposita na linguagem. A terminar, um outro conto de abandono, A piscina órfã, de John Updike, e uma reflexão bem-humorada de David Lodge sobre a prática do topless, em Hotel das mamas.

FICÇÕES
REVISTA DE CONTOS
de férias

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladimir Nabokov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge
 direcção: Luísa Costa Gomes | edição: Tinta Permanente

A estrada curva

Jorge Vaz Nande

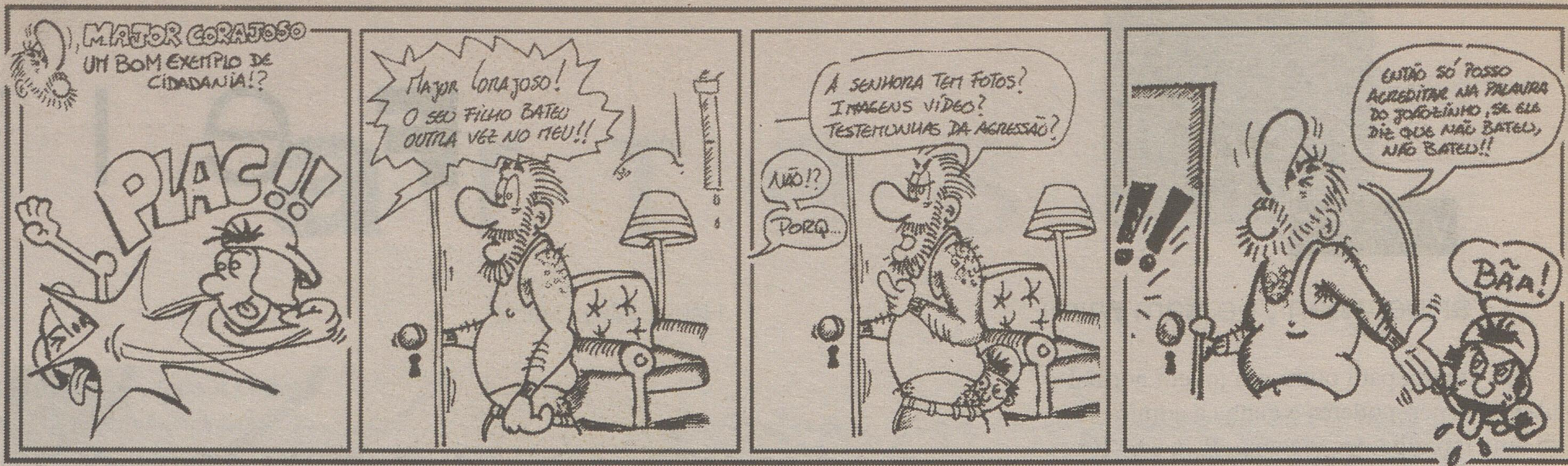
Do solstício

É nas alturas em que o estudo nos parte os dias em cinzentas fatias de tempo que sabem melhor as pequenas evasões. Alguns gostam de ir ao teatro e sentir o suave aroma a risco que transpira do palco. Outros preferem o café, onde, por estes dias, se têm juntado aos que seguem o futebol com os olhos em bico. Também há os indefectíveis da telenovela, tão felizes na abundância com que as televisões teimam em satisfazer-lhes o gosto. A mim, pessoalmente, agrada o cinema, porque a experiência de vê-lo é a cerimónia menos terrivelmente oca que conheço. Chega-se à sala, sentamo-nos, a luz desaparece, o mundo apaga-se e nós já não somos nós, porque isso, naquele momento, deixa de importar. Nós somos daqui, do mundo sólido das cadeiras e dos bilhetes, e o mundo da tela é outro e está para além da nossa seriedade. Enfim, pouco a dizer: é um pequeno momento íntimo de imensurável transcendência.

Nos últimos tempos, o advento do Verão tem trazido pequenas e inconfessáveis delícias para várias pessoas, entre as quais me incluo. Hollywood decidiu recuperar figuras que eu conhecia de quando ainda brincava com pequenos bonecos no chão de casa, e foi com o gozo absoluto e despreocupado de uma criança que assisti às aventuras de um homem que é picado por uma aranha e se torna herói e à continuação de uma saga espacial sobre heróis que pouco mais são do que homens. Em ambos os filmes, não consegui evitar sorrir, por aquilo que via e por aquilo que fui, e, em ambos os filmes, lembrei-me de uma conversa que, pouco tempo antes, tinha tido.

Um amigo meu, finalista e natural de Coimbra, revelou-me há algumas semanas que ambicionava estagiar em Lisboa. Se não fosse para lá agora, dizia ele, nunca mais iria. Confesso que, nesse momento, temi por ele e imaginei-o sentado sobre as ameias do castelo de S. Jorge, a olhar para a Baixa pombalina e a recitar “Sôbolos rios que vão/por Babilónia, m’achei/onde sentado chorei/ as lembranças de Sião/ e quanto nela passei”... Mas, mais do que lembrar-me dos versos de Camões, a decisão que as suas palavras encerravam gelaram uma constatação que até então eu tinha remetido à espera displicente da incerteza: a universidade, que, durante os seis anos de liceu, parecia um fim, não é mais do que um mero intervalo. Antes de nela entrarmos, somos crianças; depois de a deixarmos, é suposto que nos tenhamos tornado nos melhores homens e mulheres que tivemos oportunidade de ter. O mais estranho na idade adulta, afinal, não é mais do que aquilo que se deseja dela. É o sentimento do homem que sai da prisão e, subitamente, é atropelado pelo mar de escolhas que lhe foi recusado durante o tempo em que lá esteve. Os existencialistas já falaram disto e não é novidade nenhuma. Chama-se angústia e vem de mão dada com o nosso medo do vazio.

Até transpor esse pico bizarro em que a vontade conta mais do que o resto e em que a mão que nos cobre de repente nos esbofeteia e larga em nós mesmos, algo haverá de restar. Por isso, continuarei a assistir aos meus filmes e a sorrir enquanto os vejo. Pelo meio das nossas ambições, visões e brilhantismos, pequenas glórias e fracassos, os olhos continuam a ver, as mãos persistem em tocar e nós não deixamos de ser as mesmas e simples pessoas que sempre fomos.



Festival de Teatro de Tema Clássico

João Pereira

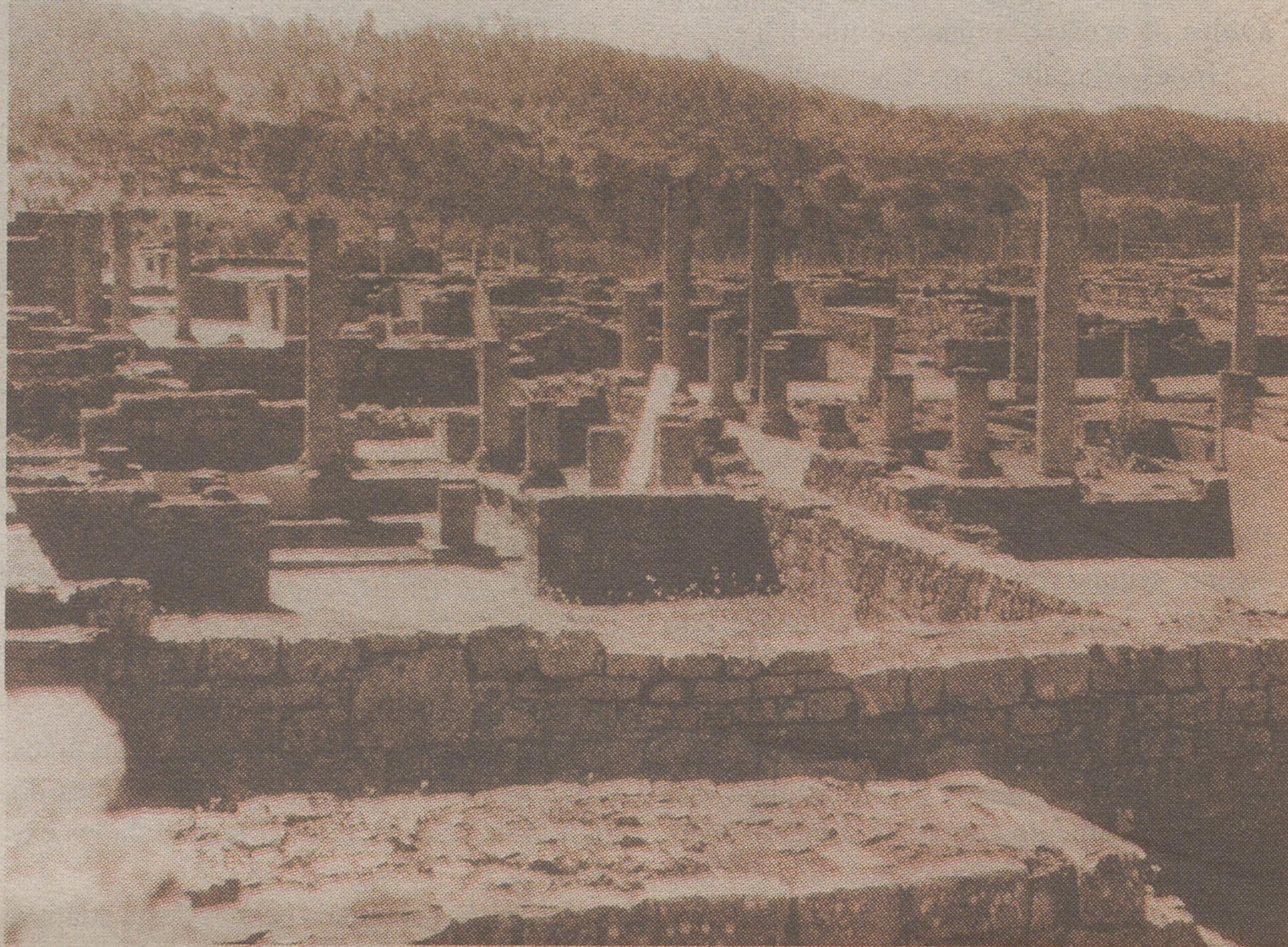
Cultura Clássica é dada a conhecer em palco

Teve início no passado dia 21, em Conímbriga, a quarta edição do Festival Internacional de Verão do Teatro de Tema Clássico. Destinada sobretudo a um público jovem, esta iniciativa tem como principal objectivo divulgar a cultura da Antiguidade Clássica através da representação em palco.

Organizado pelo Instituto de Estudos Clássicos (IEC) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela Liga de Amigos de Conímbriga e pelo Thiasos (o grupo de teatro do IEC), o projecto nasceu há quatro anos em Coimbra e assume actualmente uma dimensão quase nacional. Beneficiando da ajuda de diversas entidades, a falta de apoio do Ministério da Educação a uma iniciativa declarada como sendo de interesse público continua a ser uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos organizadores.

Para além de Conímbriga e Coimbra, também Braga, Paços de Ferreira, Mosteiro de Tibães, Viseu, Vila Nova de Foz Côa, Meda, Pinhel e Castelo Rodrigo estão no roteiro deste festival.

“As Troianas” e “Íon” de Eurípides, “As Coéforas” de Ésquilo, e “O Anfitrião” de Plauto são algumas das peças apresentadas, cuja representação está a cabo de um conjunto diversificado de companhias na-



cionais e espanholas. Novidade nesta edição é a inclusão de grupos de teatro escolar, que actuarão durante as sessões de abertura e de encerramento do evento.

A representação de “Uma Experiência

sobre as Mulheres no Parlamento”, de Aristófanes, pela mão do Grupo de Teatro da Escola Secundária de Trancoso, marcará, no dia 27 de Julho em Conímbriga, o término do festival.

Universidade ao serviço da câmara

João Pereira

Autarquia assina protocolos com faculdades

A Câmara Municipal de Coimbra estabeleceu três protocolos com a Faculdade de Economia e a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC). O presidente da câmara, Carlos Encarnação, pretende fomentar a cooperação entre as duas instituições e aproveitar, em benefício dos munícipes, o potencial que a universidade encerra.

A cargo da Faculdade de Economia passará a estar, agora, o projecto SIDIM (Siste-

ma de Difusão de Informação Municipal) que tem como finalidade recolher, seleccionar, tratar e divulgar informação do município que possa ser de interesse para potenciais investidores no concelho e se revele útil para a revisão do Plano Director Municipal.

Ao Departamento de Engenharia Mecânica da FCTUC foi atribuída a elaboração do Mapa de Ruído de Coimbra, um projecto que tem por objectivo a redução da poluição sonora. A investigação irá incidir sobre

três zonas: a área urbana, a IC1 a norte de Coimbra e o eixo entre Taveiro e a zona industrial, devendo estar concluída dentro de um ano.

Por fim, o Departamento de Engenharia Civil da FCTUC, em conjunto com a Associação para o Desenvolvimento da Engenharia Civil, está incumbido de fiscalizar as obras de remodelação do Estádio Municipal, particularmente no que concerne à qualidade dos materiais utilizados.

Teatro de rua em dois actos

Helder Dantas

O Teatro Anónimo volta a apostar nos espectáculos de rua

O Teatro Anónimo está de volta às ruas da Baixa coimbrã, nos dias 5, 8, 11 e 12 de Julho. Após a “Operação Tempestade no Deserto”, é agora a vez de “A face do caos” e de “O gang do multibanco”. O palco escolhido situa-se entre a praça 8 de Maio e o Largo da Portagem, sendo que o primeiro acontece às 17h30 e o segundo às 18h30.

Ambas as peças são criações e encenações de Marco Pedrosa e Ricardo Kalash, feitas para o trabalho final do segundo curso de formação teatral, levado a cabo pelo Teatro Anónimo. As peças contam com a participação de quinze actores, em que cinco destes transitaram do primeiro curso de formação.

Segundo Marco Pedrosa, um dos responsáveis do espectáculo, estes são espectáculos móveis, que se desenvolvem pela Baixa fora. A “ideia estrutural” é, portanto, captar a atenção dos transeuntes ao longo

do percurso, numa espécie de montra viva de teatro. Existe, por isso, alguma reposição de cenas, de modo a facilitar a compreensão do fio condutor de cada um dos espectáculos.

Duas peças

Falando agora das “Faces do caos”, Pedrosa explica que o espectáculo assenta no mesmo personagem, um personagem que se pode considerar um pássaro, uma entidade colectiva.

A ideia da peça parte de uma tradição popular portuguesa intitulada a festa dos Caretos, também conhecida com a festa do Diabo. Esta consiste num rito pagão bastante antigo em que, num determinado dia do ano, os habitantes da aldeia se vestem a rigor e podem fazer tudo o que não lhes é permitido nos outros dias: a subversão e ri-

dicularização dos quotidianos, com a subsequente libertação das imposições sociais. A novidade da peça reside na sua junção com um texto claramente futurista: o “Manifesto Ani-Dantas” de Almada Negreiros. O que daí resulta, cabe ao espectador descobrir. PIM!

Outra proposta é o espectáculo chamado “O gang do multibanco”. Este consiste, na palavras dos responsáveis, num espectáculo “muito subtil”, com base na normalidade. Procede-se à análise de uma certa noção de normalidade, abordando também uma certa crítica social a essa pretensa caracterização.

Desta forma, a chave deste espectáculo é exactamente surpreender as pessoas, partindo do que poderia ser entendido como “normal”. Os autores esperam contraria, desta forma, todo o aparato comum à prática teatral.